



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

PAULA PORTUGAL TIMOTHEO HABIBE

MARCOS TEMPORAIS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

**NITERÓI
2023**

PAULA PORTUGAL TIMOTHEO HABIBE

MARCOS TEMPORAIS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Orientador(a): **Prof.^a Dra. FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**

**NITERÓI
2023**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

H116m Habibe, Paula Portugal Timotheo
MARCOS TEMPORAIS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA A
PSICANÁLISE / Paula Portugal Timotheo Habibe. - 2023.
64 f.: il.

Orientador: Flávia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2023.

1. Psicanálise. 2. Subjetividade. 3. Complexo de Édipo. 4.
Narcisismo. 5. Produção intelectual. I. Oliveira, Flávia
Lana Garcia de, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO
PAULA PORTUGAL TIMOTHEO HABIBE

MARCOS TEMPORAIS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de
Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, dede 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Flavia Lana Garcia Oliveira (Orientadora) – UFF

Prof.^a Dra. Renata Alves de Paula Monteiro – UFF

Prof. Dr. Maycon Rodrigo da Silveira Torres – UFF

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cássia, por toda força, confiança, inspiração, colo, escuta, amparo e afeto. Obrigada por ser meu suporte desde o início da minha vida até os dias de hoje e por ter me doado tantas características e dons incríveis que tenho orgulho em compartilhar com você. Para mim é uma honra quando alguém cita nossa semelhança, seja no jeito, na fala ou na aparência. Você é motivo de orgulho para mim e eu sempre vou querer retribuir esse sentimento à você. Obrigada por tudo.

Ao meu pai, Jorge, por toda calma, carinho, esforços e renúncias para que eu tivesse as melhores experiências. Por sempre estar presente (mesmo que por uma gravação de uma música de ninar quando precisava trabalhar e não podia viajar com a gente) e por fazer o possível e impossível para me ver feliz ou às vezes, só para me mimar. Admiro sua responsabilidade com seus compromissos e com quem é importante para você, além da sua trajetória, que não foi fácil, mas que me ensinou a sempre lutar. Obrigada.

Ao meu irmão, Pedro, por todo o companheirismo, apoio e conselho. Em todas as minhas melhores memórias você está presente. Os meus risos mais sinceros e espontâneos, é você quem proporciona. Obrigada por ser leveza, segurança, abraço (muito abraço) e riso. Por ser suporte e me ensinar tanto. Torço muito pela sua felicidade e saiba que minhas conquistas também são suas. Muito orgulho e gratidão em ser sua irmã e compartilhar a vida com você.

À minha avó, Vida (Solange), por me mostrar o lado bonito da vida e pela inspiração em vários sentidos: bondade, resiliência, força, e principalmente, vivacidade. É um prazer ter sua companhia, seu abraço, seu carinho e seu amor, sempre tão genuínos. Você me emociona frequentemente e espero viver esse privilégio de te ter comigo ainda por muito tempo. Sou imensamente grata por ter você compartilhando as minhas conquistas - que também são suas - comigo.

Aos meus amigos, por serem respiro, alegria e diversão em momentos que às vezes exalam o oposto. Por serem parceria, presença e se transformarem em uma grande torcida organizada quando se trata de vibrar por conquistas minhas.

Ao meu namorado, por ser cuidado, amor, carinho e ter me ajudado, sem saber, a recuperar aquilo que eu nem me lembrava que já havia sido um dia. Por ser leveza, tranquilidade, riso, incentivo e companhia.

À minha analista, pela escuta atenta e pelo trabalho que desfaz, pela fala, aquilo que foi feito por ela. Por proporcionar que a angústia não seja constante e que o desejo não seja engolido pelo medo.

À minha supervisora de estágio da AFR, Nara Ize, pelos ensinamentos, não só em psicanálise e clínica - que foram muitos - mas de vida. Pela escuta afinada. Pela confiança, pelas trocas e por ser incentivo.

À minha supervisora e orientadora, Flávia Lana, por toda contribuição e aprendizado. Pela energia e paixão em transmitir a psicanálise. Sem dúvidas, minha formação foi outra desde a sua chegada e seu investimento. Agradeço a confiança depositada em mim e as oportunidades proporcionadas.

EPÍGRAFE

“(...) o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro”.

Jacques Lacan

RESUMO

Este estudo consiste em uma pesquisa teórica a respeito dos tempos da constituição do sujeito para a Psicanálise. Foram utilizados como base para este trabalho, em sua maioria, obras de Freud e, de forma mais incipiente, de Lacan. Além disso, outras obras de outros autores da psicanálise também serviram de apoio para esta discussão. Cabe ressaltar que a dimensão de sujeito não é dada, mas sim constituída psiquicamente através de marcos temporais ao longo de sua experiência de vida. Trata-se da constituição do sujeito do desejo, marcado pela falta, em melhor condição de simbolizá-la. Para viabilizar a discussão sobre tais marcos, foi necessário abordar os temas da temporalidade para a psicanálise, do desamparo originário e da dimensão pulsional. A partir disso, o autoerotismo, o narcisismo, os complexos de Édipo e de castração (por Freud e Lacan), assim como os posteriores períodos constitutivos, também foram discutidos. Por fim, este estudo também se propôs a discorrer sobre o recalque, mecanismo psíquico da estruturação da neurose – que também foi abordada, junto às demais estruturas clínicas.

Palavras-chave: sujeito; desamparo; complexo de Édipo; Psicanálise; neurose.

ABSTRACT

This study consists of theoretical research on the constitution of the subject for Psychoanalysis. The majority of works by Freud and, more recently, by Lacan were used as the basis for this work. Furthermore, other works by other psychoanalytic authors also were used as support for this discussion. It is worth highlighting that the dimension of the subject is not given, but rather psychically constituted through temporal milestones throughout their life experience. It is about the constitution of the subject of desire, marked by the fault, in a better condition to symbolize it. To facilitate discussion about such milestones, it was necessary to address the themes of temporality in psychoanalysis, original helplessness and the drive dimension. From this, auto-eroticism, narcissism, the Oedipus and castration complexes (by Freud and Lacan), as well as the later constitutive periods, were also discussed. Finally, this study also proposed to discuss repression, the psychic mechanism for structuring neurosis – which was also addressed, along with other clinical structures.

Key-words: subject; helplessness; Oedipus complex; Psychoanalysis; neurosis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1 – A ORIGEM DA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA DO SER HUMANO.....13

1.1	Temporalidade				e	
	Psicanálise.....			13		
1.2	Desamparo	Originário			e	Dimensão
	Pulsional.....			16		
1.3	Autoerotismo,	Erotismo	Oral		e	Erotismo
	Anal.....			19		
1.4	Narcisismo	Primário			e	Formação do
	Eu.....			23		

CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DA FASE FÁLICA E DA ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA.....25

2.1	A	perda	da	condição	<i>His Majesty the baby</i>	25	
2.2	Consequências psíquicas do encontro com a diferença anatômica entre os sexos.....					27	
2.3	Complexo de Édipo e complexo de Castração em Freud: a primazia do falo e a intrusão paterna.....					28	
2.4	A primeira e a segunda tópicos freudianas.....					32	
2.5	Lacan e a releitura dos complexos de Édipo e de Castração: Estádio do Espelho, Nome-do-Pai e Lei da Metáfora Paterna.....					35	
2.6	O	Supereu:	a	herança	do	complexo de Édipo.....	42

CAPÍTULO 3 – O RECALCAMENTO, AS DEMAIS FASES DA SEXUALIDADE (PERÍODO DE LATÊNCIA E PUBERDADE) E AS TRÊS DEFESAS ESTRUTURAIS POSSÍVEIS.....	44
3.1 O Recalcamento.....	44
3.2 O Período de Latência.....	48
3.3 A Metamorfose da Puberdade.....	50
3.4 As saídas para as três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO

A discussão acerca do sujeito no campo psicanalítico é ampla e atual. A motivação para este trabalho e temática se deu a partir do meu direcionamento à orientação em psicanálise desde o início da minha graduação e da experiência de monitoria na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói/RJ no primeiro semestre de 2023. Este trabalho visa discorrer sobre a constituição do sujeito, a fim de proporcionar uma análise a respeito da sexualidade infantil e dos seus marcos temporais, que são responsáveis pelo desenvolvimento do sujeito. Além disso, tem como objetivo contribuir para a exploração de outros temas e conceitos que fazem parte da temática principal e que são fundamentais para a Psicanálise.

Em *Estudos sobre a Histeria*, Freud (1893-1895/1996) sustenta a ideia do trauma psíquico e de seu conteúdo sexual. A teoria do trauma sustentava que o neurótico, em sua infância, teria sido vítima de uma sedução sexual e que esse fato - devido ao caráter traumático - teria sido recalçado e se transformado em um núcleo patogênico, cuja remoção seria apenas obtida a partir da devida ab-reação. A ação traumática foi dividida em dois momentos por Freud: um primeiro em que a criança sofreria a sedução sexual, sem que se produzisse nela qualquer excitação de natureza sexual (pois nessa época, Freud ainda não admitia a existência de uma sexualidade infantil); e o segundo momento, marcado pela puberdade, em que a entrada na sexualidade evocaria a cena traumática infantil - através de um traço associativo - tornando patogênica a sua lembrança. Por isso que Freud (1893-1895) dizia que a histérica “sofre de reminiscências” (p. 43).

A superação da teoria do trauma implicou em duas descobertas: do papel da fantasia e da sexualidade infantil, podendo as duas serem resumidas em uma descoberta só: a do complexo de Édipo (GARCIA-ROZA, 1999, p. 94). Assim, é na segunda parte dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que Freud (1905) vai desenvolver a teoria da sexualidade infantil, a qual provocou muitas reações e que veio a se tornar um fundamento essencial da teoria psicanalítica.

Freud (1905) enfatiza dois pontos que culminaram numa resistência em aceitar a existência de uma sexualidade na infância. O primeiro se relaciona à pura negação, enquanto o segundo faz referência à amnésia que incide sobre os

primeiros anos da infância. No entanto, negar a existência da sexualidade infantil implica o não reconhecimento dos impulsos sexuais presentes nesta etapa da vida, perpetuando o interdito sobre elas e corroborando a permanência da amnésia infantil.

Segundo Garcia-Roza (1999) é importante ressaltar que Freud nunca abandonou completamente a teoria da sedução, no entanto, abandonou a necessidade de tentar alcançar a cena originária, “mesmo porque como assinala J. Laplanche (1973, p. 50), há uma sedução à qual praticamente nenhum ser humano escapa: a sedução dos cuidados maternos” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 95).

Segundo Freud (1905):

Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas, ainda mais porque essa - que geralmente é a mãe - dedica-lhe sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: acaricia, beija e embala a criança, claramente a toma como substituto de um objeto sexual completo (p. 144).

Visto isso, um papel fundamental colocado em pauta desde o início por Freud (1905), ao discutir a constituição do sujeito, é a importância da presença da mãe ou referencial materno, responsável por amparar o recém-nascido além de lhe conferir afeto. Mais adiante, Freud (1987), na *Carta 71 a Fliess*, busca dar ênfase a outra presença essencial para o desenvolvimento do sujeito, a figura paterna, responsável pela experiência constitutiva do complexo de Édipo e de castração e, conseqüentemente, por instaurar a dimensão da falta e do desejo.

Lacan, importante psicanalista francês que retomou os estudos de Freud, inclui novos conceitos em sua teoria, mas sem desprezar as contribuições freudianas. Visto isso, para Lacan (1962-1963/2005) o bebê nasce como um corpo de necessidades que precisa se colocar à mercê do Outro e do que este tem a lhe oferecer, para sobreviver e constituir-se como sujeito. Cabe também ressaltar na releitura lacaniana, a ênfase na figura paterna e na complexidade dessa função.

Assim, partindo desta perspectiva, o presente trabalho se divide em três capítulos para a elucidação da temática proposta. No primeiro deles, será necessário percorrer alguns assuntos introdutórios, como o da temporalidade para a Psicanálise e o do desamparo originário, para que seja possível abordar a teoria dimensão pulsional e descrever as primeiras fases da constituição do sujeito: 1) o Autoerotismo, a fase oral e a fase anal; 2) O Narcisismo e a formação do Eu.

O segundo capítulo tem como objetivo aprofundar-se nas teorias dos complexos de Édipo e de Castração. Inicialmente, é percorrido as principais obras freudianas sobre o tema, como *Três Ensaios da teoria da sexualidade* (1905), *Dissolução do complexo de Édipo* (1924) e *Algumas consequências anatômicas entre o sexo* (1924). Posteriormente, julgou-se importante incorporar a releitura lacaniana sobre os complexos freudianos, o que resultou em um resumo que busca incluir, de acordo com as proporções do que é possível em um percurso de graduação, suas principais contribuições e inovações: o *Nome-do-Pai*, a lei da metáfora paterna, os registros *Real, Simbólico e Imaginário*, dentre outros conceitos. Além disso, o Supereu, instância herdada dos processos edípicos e de castração, também é estudado e descrito.

Por fim, o último capítulo dedica-se às demais fases constitutivas do sujeito, o período de latência e a puberdade, e ao aprofundamento do conceito de Recalque, mecanismo psíquico estruturante da Neurose - a qual também é abordada e descrita junto às demais estruturas clínicas.

CAPÍTULO 1- A ORIGEM DA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA DO SER HUMANO

1.1 Temporalidade e Psicanálise

Em psicanálise, ao abordar o tema da temporalidade psíquica, é importante dar lugar de destaque à noção do *a posteriori*, ou “só depois”, através do termo alemão *Nachträglich*. Tal termo indica uma lógica retroativa e aponta para uma noção temporal, neste caso, para uma ação retrospectiva.

A primeira aparição desta noção se deu na obra freudiana *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*, no caso Elisabeth Von R., vinculado ao tema da histeria de retenção. Tal quadro possuía relação com pessoas que dedicaram suas vidas aos cuidados de um doente por um longo período de tempo. Desse modo, retiam emoções próprias que, “só depois”, viriam a ser liquidadas, ou ab-reagidas. Cabe ressaltar que, neste período, estava em vigência a teoria catártica e do trauma:

A pessoa cuja mente está ocupada com centenas de tarefas pertinentes aos cuidados com o doente (...) acostuma-se, por um lado, a reprimir todos os sinais de sua própria emoção e, por outro, logo desvia sua atenção das próprias impressões, pois lhe faltam tempo e força para levá-las em consideração (FREUD, 1893-95, p. 122).

As emoções que, no momento dos cuidados, não puderam manifestar-se, ficam como que retidas – histeria de retenção - até que o doente, por exemplo, morra, para só então serem liberadas, só-depois liquidadas. O que, numa primeira leitura, poderia ser visto na perspectiva puramente econômica da teoria da abreação, aponta, nas considerações do caso, para uma elaboração que anuncia o que virá a ser designado como trabalho do luto (LAPLANCHE, 2006, p. 39-42 apud. MAIA & ANDRADE, 2010);

Num segundo momento, o termo aparece no caso Emma, na obra *Projeto para uma Psicologia Científica (1895/1996)*, relacionado à ideia de um efeito secundário e diferido. Emma associa seu sintoma fóbico atual de não entrar desacompanhada em lojas com uma cena (A), dos seus doze anos, quando entra em uma venda e é tomada por uma grande angústia ao se deparar com dois vendedores rindo nos fundos. Atribui o riso à sua vestimenta e declara uma atração sexual por um dos vendedores. Freud intervém com a interpretação de que tal cena (A) “não é suficiente para explicar o sintoma, nem sua compulsão, isto é, força de permanência, nem seu determinismo, isto é, suas particularidades” (CELES, 1999). Assim, tais fatores só puderam ser explicados quando Emma recupera uma cena anterior (B), dos seus oito anos, associando-a à cena (A):

(...) aos 8 anos, Emma, indo a uma venda para comprar guloseimas, é incomodada pelo proprietário que, rindo, lhe aplica sobre o vestido um beliscão nos genitais. Na época, ela, apesar disso, retorna uma segunda

vez à venda. Emma reprova-se por isso, como se quisesse provocar o atentado, o que Freud chama de "má consciência oprimente" (CELES, 1999).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a cena (B) (mais antiga) possibilita a constituição da cena (A) (mais atual), a cena (A) é responsável por simbolizar a cena (B), e acrescenta o caráter sexual traumático que antes não o tinha. Segundo Freud (1895/1996) “esse caso é típico do recalçamento na histeria. Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por *ação retardada*” (p.).

Os dois aspectos notáveis do esquema freudiano permitem distinguir em "posterioridade" um duplo movimento de temporalização: movimento de retroação é o primeiro, determina, por seu turno, uma subversão temporal que se caracteriza pelo fato de um momento posterior determinar um anterior, modificando-o em sua origem. O segundo movimento é o do diferimento que implica o sentido de uma conservação como permanência do anterior, sua não dissipação, seu não passar com o tempo, não obstante o tempo, e o sentido de um adiamento da ação: a atualidade de B como efeito traumático retardado caracteriza a presença (o modo de presença) desse passado conservado como presença adiada (CELES, 1999).

Visto isso, ao pensar na temporalidade em relação à constituição do sujeito, é na posterioridade de um Eu já constituído, que experiências originárias ganham uma nova repercussão. Se antes, por causa da imaturidade biológica e psíquica da criança muito pequena, a vivência de si não podia ser integrada, é a partir da condição primitiva do desamparo e dos discursos à sua volta, que traços mnemônicos são inscritos e podem vir a funcionar como um "apelo de sentido" que, "só depois", serão convertidos em uma verdadeira experiência de vida, isto é, compondo uma cadeia inconsciente que determina o sujeito. Trata-se de impressões, traços de memória e experiências vividas que são remodelados em função de novas experiências e de acordo com os estágios do desenvolvimento do indivíduo (MENDES, 2012, p. 47).

Com o termo *Nachträglich*, como visto, Freud se preocupou em mostrar que o sujeito modifica, *a posteriori*, as representações dos acontecimentos vividos e que esse processo psíquico lhes confere sentido. Portanto, cabe pontuar que ao discutir psicanálise e desenvolvimento, a temporalidade em questão não diz respeito a fases que são superadas ou ultrapassadas, mas sim a marcos temporais que representam aquisições simbólicas e deixam resquícios – constitutivos para um ser civilizado. Tais resquícios se repetem ou são evocados em situações posteriores e, nestas repetições, que “só depois” adquirem sentido. Isso porque, propondo uma

temporalidade retrospectiva, Freud desmonta qualquer ideia de constituição subjetiva linear segmentada em um tempo irreversível – passado, presente e futuro (MENDES, 2012, p. 47). O tempo do inconsciente se configura como descontínuo, com articulações não sucessivas entre um antes e um depois. Segundo Fortes (2006 apud. MENDES, 2012): “Há no *a posteriori*, portanto, uma dissimetria entre o antes e o depois que permite concebê-los como desiguais”:

(...) o que o inconsciente implica é a construção de uma história que, por ser construção, não permanece e nem determina o presente. Inversamente, tudo se passa como se o presente constituísse o passado e abrisse o futuro como diferença. Daí podemos afirmar que o inconsciente é criação e movimento, produção do novo e construção incessante de si. Ao invés de lugar da origem, determinação do sujeito, veremos que o inconsciente deve ser definido como a multiplicidade virtual das significações possíveis, como a produção incessante de diferença (WINOGRAD, 1998, p.87 apud. MENDES, 2012, p. 83/84).

Lacan (1953-1954/1983) contribui para tal ideia ao inferir, então, que o passado não está dado e que ele só existe *a posteriori*, visto que o passado vem à cena na medida em que é historiado pelo presente:

A história não é o passado. A história é o passado na medida em que é historiado no presente - historiado no presente porque foi vivido no passado (...) o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disse reconstrói. (LACAN, 1953, p. 21-22).

Além disso, Lacan (1945/1998) foi o responsável por formalizar a noção de tempo lógico para a psicanálise, que se distingue do tempo cronológico. O tempo lógico, segundo o psicanalista, refere-se ao tempo do sujeito, que vai de encontro ao determinismo e confere possibilidade de retroagir sobre fatos traumáticos inscritos no aparelho psíquico. Trata-se do tempo que busca alcançar a inscrição temporal do desejo, a lógica do encontro com Outro¹ e a lógica dos efeitos da linguagem sobre o corpo. O tempo do sujeito não é o tempo individualizado de cada um, mas o tempo das relações:

¹ “Outro”: Conceito lacaniano que corresponde a um lugar (A) no qual ocorrerá a determinação do sujeito, ou seja, é no campo do Outro que o sujeito estará às voltas com sua própria condição de ser falante. O Outro como o campo simbólico do sujeito é introduzido por meio do uso da linguagem, função apropriada e introduzida inicialmente por aquele que cuida do bebê, geralmente a mãe, um outro experimentado, que exerce o lugar do Outro; por exemplo, ao interpretar o seu choro para lhe dar um significado, favorecendo ao bebê um início na linguagem. É o responsável pela inserção da criança, ainda infans, no jogo simbólico (PENA & SILVA, 2018, p. 81). O bebê vem ao mundo humano marcado por um discurso, no qual se inscreve a fantasia dos progenitores, a cultura, a classe social, a língua, a época etc. Enfim, podemos dizer que tudo isso constitui o campo do Outro, lugar onde se forma o sujeito (JORGE, 2005, p. 44).

Em outras palavras, o tempo, para Lacan, advém do modo como as cadeias narrativas situam os personagens que junto a elas perfazem seu ser. A concepção do tempo lógico contém a suposição de que cada cadeia narrativa 'co-ordena' aqueles que a partir dessa cadeia se situam, e isso a despeito do modo como esses seres queiram se situar (ARAUJO, 2016, p. 106-107).

Visto isso, conclui-se que o processo de constituição psíquica é, só depois, reintegrado e reconstituído pelo sujeito – e de uma forma singular – sendo esta a dimensão estrutural e constitutiva da análise (LACAN, 1953) – tornando possível conferir, então, alguma significação.

1.2 Desamparo Originário e Dimensão Pulsional

Além da temporalidade, é necessário dar foco aos temas do desamparo originário e da dimensão pulsional antes que os marcos temporais da constituição psíquica possam vir a serem discutidos. Esta introdução se torna relevante visto que tais marcos temporais são resposta ao cenário de desamparo originário – caracterizado pela insuficiência do equipamento instintivo no início da vida humana, portanto, sendo necessária a existência de uma outra dimensão, a pulsional.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o recém-nascido é marcado por uma precariedade constitucional diante da tarefa de manutenção da sua própria vida. Em *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1996) afirma que, no início da vida, o humano é apenas um corpo que precisa descarregar suas excitações endógenas e ter suas necessidades satisfeitas. Em outras palavras, ao nascer, o bebê é apenas um “libra de carne” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 242) em meio ao desamparo, ou seja, em meio à falta de instintos biológicos que deem conta de seu lugar no mundo.

Freud (1925/1926b), em *Inibição, Sintoma e Angústia*, se utiliza do termo *Hilflosigkeit* para se referir à experiência de desamparo. Descompondo este termo, temos "*Hilfe*", que quer dizer auxílio, ajuda, proteção e amparo, junto a "*losigkeit*" que significa carência, ausência e falta de (ROCHA, 1999). Indica, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda, sem recursos, sem proteção e sem amparo. Segundo Freud (1895/1996, p. 370), “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”. Com isso, busca evidenciar que estar desamparado é estar à mercê – sendo o período do nascimento uma situação traumática em que o fator biológico prematuro do ser humano cria a necessidade do bebê ser cuidado por outra pessoa para que possa sobreviver.

Logo, pode-se dizer que a experiência da *Hilflösigkeit* freudiana acontece na sua máxima expressão com o recém-nascido, que marcado por essa prematuridade de espécie, possui uma longa, prolongada e radical dependência de um outro de boa vontade. Este outro, na abordagem lacaniana, vem e encarna a presença de um grande Outro, assim como o campo da fala e da linguagem.

Nesse contexto, o bebê, no período após o seu nascimento, configura-se como uma promessa de sujeito a advir e que, para isso, precisa encontrar formas de tratamento para esse cenário inicial de vazio, mal-estar, excitações e angústia. Assim, na falta de saberes instintivos possíveis para sua sobrevivência, isto é, em meio à *Hilflösigkeit*, o ser humano também é composto por uma dimensão pulsional, uma “força constante” (FREUD, 1915//2009, p. 54) que o direciona à vida e que busca uma organização. Visto isso, cabe ressaltar que, na medida em que um cenário de desamparo se repete, há um acréscimo de tensão pulsional, proveniente de suas urgências internas, mas que não pode ser dominada pelo aparelho psíquico do infans, ainda em vias de estruturar-se (FORTES & SANTOS, 2011, p. 748).

Instinto e pulsão diferem-se à medida que o primeiro designa um comportamento pré-escrito, fixado e herdado (GARCIA-ROZA, 1999, p. 116), sendo biologicamente determinado por estímulos externos e possuindo um objeto específico; enquanto o segundo deriva do cenário de vazio e desamparo, não implicando nenhum comportamento pré-formado ou objeto específico.

A pulsão, *Trieb* de Freud (1915/2009), excede, mobiliza, impulsiona, inquieta e endereça o sujeito para algum lugar. Em *As pulsões e seus destinos* (1915/2009), ressalta que uma melhor definição para pulsão é “necessidade”, no sentido de algo que impele e não referente à necessidade biológica. Tal termo, conseqüentemente, aponta para uma “satisfação”, sendo esta a sua “meta” ou “objetivo” (p. 58). Nessa mesma obra, ressalta se tratar de um conceito situado entre o mental e o somático, representando psiquicamente os estímulos que se originam no organismo e que alcançam a mente (GARCIA-ROZA, 1999, p. 116 apud. FREUD, 1915).

Além disso, é importante diferenciar a pulsão de seus representantes psíquicos: a ideia (*Vorstellung*) e o afeto (*Affekt*). Segundo Garcia-Roza (1999) que busca diferenciar tais representantes, o representante ideativo constitui o conteúdo do inconsciente e é sobre ele que incide o processo de recalçamento - que será aprofundado mais adiante neste trabalho. Cabe ressaltar que uma pulsão não pode

ser recalcada, apenas o seu representante. Já o afeto - registro que não é inconsciente - é uma expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional. No entanto, embora ideia e afeto sejam representações independentes, “o afeto tem de se ligar a uma ideia” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 118). Ao retomar Freud (1915) é importante conceituar a pulsão em função de sua fonte, pressão (ou impulso), seu objetivo (ou meta) e objeto.

Sua fonte é corporal, ou seja, advém de alguma excitação somática - tanto do órgão de onde provém a excitação como do processo físico-químico que a constitui. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud comenta que a manifestação sexual infantil se apoia, originalmente, em uma das “funções somáticas vitais” (p. 87).

Pulsão é o instinto que se desnaturaliza, que se desvia de suas fontes e de seus objetos específicos; ela é o efeito marginal desse apoio-desvio. A fonte da pulsão é, pois, o instinto. (...) A pulsão de fato se apóia no instinto mas não se reduz a ele (...) o apoio é o momento de constituição de uma diferença (...) de ruptura (...) (GARCIA-ROZA, 1999, p. 120).

A segunda dimensão pulsional, a pressão, pode ser compreendida como o motor da pulsão, representando a “quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 120). Refere-se à atividade da pulsão e ao seu fator dinâmico, mobilizador, que busca a satisfação - e conseqüentemente o alívio da tensão.

Em relação ao objetivo ou meta, terceiro elemento que Freud (1915) utiliza para definir a pulsão, esse pode ser definido como o efeito da redução da tensão provocada pela pressão, ou seja, é a satisfação, o alívio. Trata-se de uma descarga de energia acumulada (GARCIA-ROZA, 1999, p. 121).

Por fim, quanto ao objeto da pulsão, Freud (1915) o define como “aquele com o qual ou pelo qual o instinto [pulsão] pode alcançar a sua meta” (p.58). Com essa definição, pode-se concluir que o objeto passa a ser concebido como um meio para que o fim (objetivo) seja alcançado. Ademais, cabe ressaltar que enquanto o objetivo se coloca de forma invariável, isto é, busca-se alcançar a satisfação, o objeto é variável - além de poder ser “real ou fantasmático” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 122).

Segundo Freud (1915):

É o que mais varia no instinto [pulsão] não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação (...) Pode ser mudado frequentemente, no decorrer das vicissitudes, que o instinto [pulsão] sofre ao longo da vida; esse

deslocamento do instinto [pulsão] desempenha papéis dos mais importantes (FREUD, 1915, p. 58).

É válido enfatizar que as pulsões, no período inicial de vida, são caracterizadas como parciais e constituem uma sexualidade perversa-polimorfa, ou seja, são pulsões desorganizadas, sem um direcionamento específico (objetivo) e que ainda não alcançaram uma organização genital – o que indica uma fixação libidinal e uma sexualidade em um regime ainda muito infantil:

As pulsões parciais, eram, portanto, os elementos últimos a que se podia chegar na análise da sexualidade e não partes da pulsão sexual considerada como uma totalidade. Não é a pulsão sexual, considerada como um todo, que ao se fragmentar produz as pulsões parciais, mas ao contrário, estas é que são os elementos primeiros a partir dos quais vão constituir as organizações da libido. (...) começam a funcionar num estado anárquico, inorganizado, que caracteriza o auto-erotismo; enquanto umas estão ligadas a uma zona erógena determinada, outras são independentes e definidas pelo seu alvo (GARCIA-ROZA, 1999, p. 101).

Portanto, no início da vida, o desamparo é expresso pela precariedade instintual e pela presença das pulsões parciais. Como noção psicanalítica, o desamparo corresponde a uma condição fundamental da vida humana que indica a impossibilidade de plena autonomia do indivíduo - que depende de um Outro para constituir-se como sujeito.

No entanto, o desamparo pode se referir a uma dimensão mais ampla, que corresponde a uma condição de desamparo estruturante e fundante do psiquismo, imprescindível para a construção da subjetividade humana e para a vida social; mas também pode se referir a uma dimensão que remete propriamente à situação psíquica de desamparo: a impossibilidade de uma completa descarga pulsional coloca o sujeito (novamente) de encontro com a experiência de perda e de angústia.

Dessa forma, pode-se afirmar que o desamparo é a condição originária da subjetividade humana, e também o seu horizonte contínuo, pois toda dinâmica defensiva e toda mobilização da angústia é, em sua última instância, uma tentativa de prevenção de sua repetição (CAMPOS & SILVA, 2020, p. 68). Neste último caso, é como se remetesse à experiência originária de se perceber sem recursos, sem ajuda e sem amparo - necessitando de um aumento de tensão pulsional como forma de compensação.

Assim, o autoerotismo se configura como consequência do desamparo originário, sendo então uma primeira forma de organização pulsional para a

constituição psíquica, ou em outras palavras, um primeiro tempo viabilizador da experiência de cultura e de civilização.

1.3 Autoerotismo, Erotismo Oral e Erotismo Anal

Segundo Garcia-Roza (1999) foi numa carta a Fliess em 1899 que Freud empregou pela primeira vez o termo autoerotismo que designava “o estrato sexual mais primitivo”, agindo com independência de qualquer fim psicosexual “e exigindo somente sensações locais de satisfação” (FREUD, 1899, p. 377 apud. GARCIA-ROZA, 1999, p. 99). Na obra *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) se aprofunda sobre o tema da sexualidade infantil e do desenvolvimento psíquico, partindo, então, da descrição das características dessa primeira fase de organização da libido: autoerótica.

Este primeiro marco temporal da sexualidade se apoia nas funções vitais do corpo, se caracteriza pela presença das pulsões parciais – que ainda não possuem um objeto sexual, e por isso, são autoeróticas – a satisfação, aqui apresentada, é dominada por uma zona erógena (FREUD, 1905, p. 87), que estrutura os modos de relação com referências primordiais, sobretudo, a mãe. Por zona erógena entende-se “uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer” (FREUD, 1905, p. 87).

Freud (1905/2016) toma como exemplo o ato de chupar (ou sugar com deleite) como uma das primeiras manifestações sexuais infantis, visto que “consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação” (p. 83), mas sim “pela busca de um prazer - já vivido e agora lembrado” (p. 85):

A primeira e mais vital atividade da criança, mamar* no peito da mãe (ou de seus substitutos), já deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer (FREUD, 1905, p. 85).

Portanto, a partir do autoerotismo ocorre o desprendimento da pulsão sexual em relação exclusiva à pulsão de autoconservação (ou pulsão do Eu). Isso porque, como abordado, para além da autoconservação das funções vitais, como por exemplo o ato de alimentar-se visto que se tem fome, entende-se que, concomitantemente, existe uma experiência prazerosa no ato de chupar – que visa proporcionar novamente uma experiência de satisfação para o bebê, assim como a

presenciada pela primeira vez. Sobre isso, Freud (1905/2016) pontua que “A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela” (p. 85-86).

No começo, a satisfação da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade de alimento. (...) a necessidade de repetir a satisfação sexual se separa da necessidade de nutrição (FREUD, 1905, p. 85-86).

Ao desenvolver o tema, Freud (1905/2016) também explora o autoerotismo em termos de objeto sexual, no qual afirma que a pulsão se satisfaz diretamente com e pelo o próprio corpo, onde se basta e se concentra, sem requerer outro objeto.

A criança não se utiliza de um objeto exterior para sugar, mas sim de uma área da própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque assim independe do mundo externo que ainda não consegue dominar (FREUD, 1905, p. 86).

Neste momento, a noção da existência de um mundo externo a si ainda não é possível. Entretanto, é relevante pontuar que o autoerotismo se inicia na libido da ação específica do outro que deseja cuidar, que seduz, traduz e convoca o bebê. Instaura-se aí uma relação de dependência absoluta do bebê com o Outro. Este Outro – assim chamado por Lacan – foi nomeado por Freud (1895/1996) como “outro próximo”, do termo alemão *Nebenmensch*, como aquele quem fica ao lado, quem toma para si, quem transfere desejo de vida para o recém-nascido e, mantendo constância nessa posição, torna-se sua referência. Trata-se da existência de um Outro, não qualquer um, mas aquele que é afetado pelo bebê e capaz de promover sintonia entre eles.

Sendo assim, a postulação da ação específica e do princípio de constância colocam em cena a função do *Nebenmensch* no percurso do bebê na busca de satisfação dos seus estímulos endógenos: a satisfação das urgências provenientes das fontes somáticas dependerá do mundo externo, do cuidador que garantirá a sobrevivência do infante (KLAUTAU & FAISSOL, 2016, p. 68).

Segundo Freud (1895/1996), a constituição psíquica deveria ser pensada como um aparelho de defesa que indica uma necessidade de barrar. Essa defesa e barragem seriam em relação ao livre escoamento de energia característico da pulsão de morte – força constante de pura dispersão que participa da constituição psíquica a todo o momento. Tentando expressar essa lógica a partir da releitura de Lacan, verifica-se, desse modo, que a presença do Outro capaz de acolher se faz essencial, retirando o recém-nascido da condição de “libra de carne” (LACAN, 1962-

1963/2005, p. 242) e conferindo-o seus primeiros estatutos simbólicos, isto é, marcas advindas do discurso do Outro, de suas transmissões culturais, temporais e de significações diversas.

Para o bebê, nesta primeira etapa da evolução sexual pré-genital, autoerótica, denominada *fase oral*, “o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 104). Assim, o objeto, isto é, o seio de sua referência materna é tomado como uma mera extensão. Assim, cabe pontuar que “a pulsão oral implica não somente um objeto, mas sobretudo um modo de relação objeto: a incorporação” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 123).

Essa experiência de incorporação do que é oferecido pelo *outro próximo*, tornando-se seu, configura uma espécie de engolimento e devoração. Representa um momento de indiferenciação com esse *Nebemensch*, de fusão e de simbiose – que é pacificador para o desamparo inicial. Pode-se afirmar que aqui, devoração se coloca em oposição à *Hilflosigkeit*.

Utilizando a distinção feita por Freud entre *fonte*, *objetivo* e *objeto da pulsão*, podemos dizer que, no caso da organização oral, a fonte é a zona oral, o objeto é o seio e o objetivo é a incorporação do objeto (GARCIA-ROZA, 1999, p. 104).

No início da vida, quando para o bebê a dependência do ambiente é absoluta, não há ainda a percepção do outro; “o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê”, conforme Winnicott (...) propõe (CONTI, 2010, p. 190).

Seguindo essa ideia, o autor pós-freudiano Donald Winnicott (1948/1978) também escreve que “o bebê é uma coisa que não existe”. Com essa afirmação, o autor reforça a noção de que ao nos depararmos com um bebê, junto a ele encontramos o materno. Alguém só se torna filho a partir do desejo materno e, sem ele, o bebê não existe.

Portanto, no autoerotismo, as pulsões deflagram uma necessidade, e conseqüentemente um cenário de desamparo, e buscam se satisfazer nas próprias zonas erógenas em que são produzidas. Desse modo, configuram uma experiência que envolve a presença de um corpo ainda despreparado e sem contorno, característicos de uma sexualidade perverso-polimorfa.

Essas zonas erógenas funcionam de forma anárquica, independentes umas das outras, sem qualquer organização de conjunto. Assim, pode-se afirmar que se configura um funcionamento a partir de zonas erógenas não integradas que somente

a partir da presença do “outro ao lado”, que investe sua libido e deseja cuidar, ganham certo contorno. Portanto, uma característica fundamental do autoerotismo é o funcionamento ainda não integrado daquilo que, em um momento, se constituirá a experiência e consciência corporal de um Eu formado:

Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo — o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda o discurso (WINNICOTT, 1968/2005, p. 142).

Além disso, é relevante mencionar outra zona erógena que ganha protagonismo durante o estágio autoerótico de desenvolvimento psíquico: a zona anal. Logo, a segunda etapa da organização pré-genital, a *fase anal*, se configura como um momento em que se inicia a dissolução da exclusividade, disponibilidade e totalidade da referência materna (*Nebenmensch*), marcando uma interrupção da via de satisfação absoluta experimentada até então. Também é quando a criança começa a se reconhecer como um ser separado da mãe – pois, até então, prevalecia a devoração e a indiferenciação entre mãe-bebê.

Neste período, aproximadamente entre os dois e os quatro anos na maioria das vezes alinhada ao desmame, a referência materna passa a convocar que a criança adquira controle sobre o seu esfíncter – o que imprime uma convocação da figura materna à cultura e à civilização e, para além disso, introduz uma condição para sua satisfação autoerótica.

O conteúdo intestinal (...) É claramente tratado como uma parte do próprio corpo, constitui o primeiro “presente”: através da liberação ou da retenção dele, o pequeno ser pode exprimir docilidade ou desobediência ante as pessoas ao seu redor (FREUD, 1905, p. 92).

Do ponto de vista laciano, tal período pode ser conflituoso para a criança, que se torna objeto de desejo do Outro e passa a se questionar sobre satisfazer ou contrariar tal demanda. Anteriormente, na oralidade, a criança quem demandava do Outro materno e, na analidade, quem demanda é este Outro, o que marca uma inversão. A criança, então, passa a estabelecer com o Outro um ato social (VIVIANI, 2014, p. 61).

Por isso, é comum presenciar, neste período, crianças que experimentam ambivalências afetivas correlatas à experiência de reter ou expelir as fezes, como a percepção de presença e ausência (da mãe, por exemplo), de união e separação (com o conteúdo fecal), de olhar e ser olhado, entre outros.

1.4 Narcisismo Primário e Formação do Eu

Então, é a partir da analidade, desse olhar da referência materna que busca regular esse controle esfinteriano, que a criança passa a interpretar e a se interrogar sobre a demanda externa que lhe chega através de comandos maternos. É esse movimento que dá abertura para a formação do Eu e para a sua estruturação a partir do que se deseja dela como objeto privilegiado.

(...) é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (FREUD, 1914, p. 19).

Como apresentado, até então não existiam indícios de uma coesão do Eu ou do corpo. A partir do acréscimo de uma “nova ação psíquica” (FREUD, 1914, p. 19) ao autoerotismo, que as pulsões parciais passam a se unificar no próprio Eu, configurando uma profunda alienação em si mesmo. Portanto, o narcisismo primário aponta para uma nova satisfação não mais fragmentada. Este autoapaixonamento, como fixação e satisfação com a sua própria imagem, é a única estratégia libidinal capaz de retirar a criança da fase autoerótica.

Em *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914) distingue duas formas diferentes e reversíveis de investimento libidinal: a libido do eu (narcísico) e libido do objeto (externo). Portanto, pode-se afirmar que, no narcisismo, a libido do eu ganha protagonismo. Na mesma obra, descreve o narcisismo primário como “o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação” (FREUD, 1914, p.15). Com essa assertiva, esclarece que, no narcisismo, a pulsão de autoconservação recebe uma soma de energia advinda da pulsão sexual, tendo esta última, então, o Eu como objeto para a sua satisfação. Cabe mencionar que em *As pulsões e seus destinos* (FREUD, 1915) o autor comenta sobre tal dualismo pulsional, distinguindo as pulsões entre pulsão sexual e pulsão do Eu (ou de autoconservação), cuja diferenciação aponta para a meta a ser atendida. Enquanto a primeira busca satisfazer as numerosas exigências sexuais, a segunda se concentra em satisfazer as exigências vitais de preservação do ser humano.

Assim, o narcisismo se estrutura como mais uma defesa psíquica contra o desamparo. Tal experiência de grandiosidade corresponde ao movimento de tomar a si como se é tomado como objeto de investimento do narcisismo parental, vinculando-se à figura “*His Majesty the Baby*” [Sua majestade, o bebê] proposto por

Freud (1914, p. 37). Esta dinâmica libidinal configura uma separação efetiva da criança e de sua mãe. Esta identificação primária, ou seja, esta alienação em se apropriar do que o Outro deseja que seja, que possibilita o ganho de contorno corporal e um sentimento pacificador. É também quando se constitui o eu-ideal do sujeito, isto é, a imagem narcísica que passa a existir inconscientemente e que é perfeita, completa e grandiosa (BARROS, 2004, p. 67):

Assim, o narcisismo dos pais renasce na criança, e na medida em que antecipam certa imagem dela, é em relação ao narcisismo de seus genitores que a criança responde, constituindo-se como sujeito. Ela é falada desde antes de nascer, seja pela escolha de seu nome, pela idealização de suas características físicas, ou pela interrogação de seu sexo: se será menino ou menina. Essa é a história que precede o nascimento da criança e na qual ela precisará se posicionar quanto aos significantes que a antecederam. Com efeito, Lacan nos ensina que o sujeito “não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde” (Lacan, 1964/1998, p. 849), pois “se isso fala dele, é aí que ele se apreende” (Lacan, 1964/1998, p. 849) (SOUZA, 2017, p. 107).

A partir dos cuidados exercidos por este tipo de alteridade, a demanda por alimento gradualmente vai se convertendo em demanda de amor. Ao longo deste processo, o movimento desejante vai passando a fazer parte da gramática infantil e, ao mesmo tempo, o outro vai ganhando status de potência simbólica. Fato este que confere ao eu um destino alienado e preso a uma alteridade fornecedora da própria identidade. Nesse tempo inicial da constituição da subjetividade, a criança só possui uma escolha: a de alienar-se em um significante-mestre obtido a partir do campo do Outro (KLAUTAU & FAISSOL, 2016, p. 67).

Freud (1914) também comenta que o contato com a onipotência – obtida neste estado de investimento libidinal voltado à imagem narcísica – será crucial para a fundamentação do amor-próprio, para a reserva libidinal e para a sustentação do desejo de vida.

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal. Ao mesmo tempo, o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal. Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetual (FREUD, 1914, p. 48).

Portanto, é possível listar alguns dos ganhos narcísicos essenciais para o desenvolvimento psíquico:

1. Criação de uma reserva libidinal para sustentação do desejo de vida;
2. Primeira separação efetiva entre Eu e Outro materno;

3. Unificação da imagem corporal;
4. Experiência de corpo subordinada ao que o Outro materno deseja de si, o que configura uma ficção estruturante e formadora do *eu-ideal*.

Segundo Siquier (1999) enquanto a criança acreditar ser o objeto do desejo da mãe, ela se mantém num estado de satisfação imóvel. No entanto, na medida em que o desejo da mãe passa a ser um enigma, cuja resposta não está nele mesmo, surge a curiosidade, o desejo de saber (p. 211).

CAPÍTULO 2- A FASE FÁLICA E A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL

2.1 A perda da condição *His Majesty, the baby*

A fase fálica, caracterizada por possuir a zona genital (pênis ou clitóris) como dominante, tem seu início precipitado pelo contexto que passa a não mais se encaixar às condições do narcisismo. Pode-se dizer que se experimenta, então, uma decepção ou ferida narcísica relacionada à perda do protagonismo do desejo da referência materna sobre a criança.

Neste momento, a criança potencialmente falante, que consegue controlar seus esfíncteres e que passa a ter uma ampliação da sua socialização primária (isto é, convive com pessoas além da família e passa a frequentar novos ambientes, como a escola), apresenta um salto em relação à condição de dependência absoluta do Outro. Portanto, a criança não ocupa mais a posição de centro das atenções, ou de “*His Majesty the baby*” (1914).

Assim, a mãe passa a direcionar sua libido a outros objetos de satisfação e, dessa forma, se ausenta no desejo e na presença (até então, tão presente, *Nebenmensch*) na vida da criança. Desse modo, o ideal narcísico anterior é dissolvido e perde a sua consistência, proporcionando o primeiro encontro com a falta. Segundo Porto (2009), “trata-se de quando a identificação primária da criança com a mãe é superada”.

Dessa forma, a falta se apresenta pela percepção de um Outro não todo materno e é experimentada a partir de uma frustração e pelo vazio de explicação. Tal momento representa o reencontro com o horizonte contínuo do desamparo originário, de inevitável conflito e mobilizador de angústia. Assim, frente à provável repetição desse desamparo, presencia-se (novamente) um acréscimo pulsional. O estranhamento provocado por essa nova configuração relacional entre a criança e

referência materna, influencia na criação de um enigma, nomeado por Freud (1905) como *pulsão de saber*: “o que há além de mim que o Outro se interessa?”.

Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. Suas relações com a vida sexual entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (FREUD, 1905, p.183).

Winnicott (1975) contribui para o tema ao descrever que a criança só é capaz de sair da dimensão do princípio do prazer para o princípio de realidade a partir da figura e da função da *mãe suficientemente boa*, aplicada através da teoria da *ilusão-desilusão*. Tal teoria aponta para dois momentos essenciais na relação mãe-criança.

Em um primeiro momento de *ilusão*, caracterizado pela devoção e disposição afetiva da mãe às necessidades do bebê, é necessário que haja o investimento libidinal e desejo de amparo, de inclinar-se, de dar conta e de suportar as hostilidades do bebê sem ressentir-se. Neste período, o bebê se configura como um objeto fálico, ou seja, como um objeto de satisfação materna. Já em um segundo momento, de *desilusão*, é essencial que a mãe possa frustrar essa criança, ou seja, que lhe apresente a falta. Portanto, a boa medida e alternância entre essas duas tratativas é de extrema importância para que a criança possa alcançar o princípio de realidade e prosseguir em direção a sua constituição subjetiva através da lógica fálica e da lógica da castração.

A mãe suficientemente boa, Como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela (WINNICOTT, 1971, p. 24).

Assim, a partir da frustração e decepção narcísica, incide então, uma curiosidade pelo sexual. É, neste momento, em que a concentração da libido se volta ao órgão genital e faz com que a criança se inquiete em relação à diferença anatômica entre os sexos percebida, bem como passe a se interrogar sobre a origem dos bebês.

O jogo entre a busca do saber e sua negação representa a dúvida e o retrocesso do sujeito: prefere ignorar e não reconhecer que no Outro não se encontra a garantia da verdade. Aquilo que se ignora é o que se quer saber. As perguntas em torno da origem e das diferenças insistem sem que nada possa satisfazê-las totalmente. As fantasias e as teorias sexuais infantis tentarão dar respostas e costurar a ferida narcisista (SIQUIER, 1999, p. 211).

2.2 Consequências psíquicas do encontro com a diferença anatômica entre os sexos

Portanto, a decepção narcisista ligada à crise edípica implicará numa ruptura com o ideal, surgindo um lugar no plano do pensamento para duvidar, questionar, aceitar pensamentos diferentes. Aceitar o singular, o diferente, é dar lugar ao incompleto e à imperfeição, que evoca a dimensão da castração (SIQUIER, 1999, p.211).

Freud (1925/2011) em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* busca investigar a primazia do órgão genital masculino, o pênis, o qual possui um valor fálico na esfera social. Entende-se por falo a representação de um objeto que circula e que se pode desejar ser ou ter, configurando-se como um significante que representa a falta.

Freud (1925/2011) contextualiza que o pênis é tido como o único órgão existente, em que frente a sua ausência, uma primeira tentativa de explicação (imaginária e insuficiente) sustentada fantasmaticamente se basearia na crença de que tal órgão ainda não nasceu ou foi retirado. Tal momento marca uma lógica ambivalente de presença ou ausência, ou seja, da existência de apenas duas condições possíveis: ser fálico ou ser castrado – em relação ao único órgão. Além disso, num primeiro momento, falo e pênis são equivalentes. Portanto, nessa ótica, o feminino (e portanto, a mãe) representa o vazio, o castrado por natureza.

Recentemente pudemos perceber melhor que o desenvolvimento sexual da criança chega até uma fase em que o genital já assumiu o papel condutor. Mas esse genital é apenas o masculino, mais precisamente o pênis; o feminino não foi ainda descoberto (FREUD, 1924, p. 184).

Ela (a organização genital infantil) consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (FREUD, 1923, p. 158)

Frente a esse modo de interpretação falocêntrica se configuram, então, os diferentes cenários edípicos: para o menino e para a menina.

No menino (...) o complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com choque da ameaça da castração. (...) Na garota falta o motivo para destruição do complexo de Édipo. A castração já produziu antes do seu efeito. (FREUD, 1925, p. 297).

Para Freud (1925), o complexo de Édipo na menina é uma formação secundária, pois enquanto nos meninos o complexo de Édipo sucumbe ao complexo de castração, nas meninas ele torna-se possível e é promovido por este (...) a diferença entre o complexo de castração nos dois sexos deve-se às diferenças anatômicas. A menina não teme a castração, pois já é anatomicamente castrada. O menino teme a castração, ela é uma ameaça (SILVA & FOLBERG, 2008, p. 52).

2.3 Complexo de Édipo e Complexo de Castração em Freud: a primazia do falo e a intrusão paterna

Como visto até aqui, a criança possuía uma relação inicialmente indiferenciada com sua mãe, de dependência absoluta e, posteriormente, mesmo com o ganho da percepção de serem seres independentes e separados, uma relação de forte ligação e de essencial influência para a formação do Eu e ganho da percepção de unidade corporal. Segundo Coutinho Jorge e Ferreira (2005), é a aparição do sentimento de frustração que inaugura o complexo de Édipo.

A partir da percepção da falta da figura materna, conforme comentado anteriormente acerca da decepção narcísica e a pulsão de saber, a criança passa a identificar outros personagens nesta trama. Dentre estes, o pai, aquele que encarna e representa a falta da mãe para a criança, é identificado como o polo detentor do falo e, portanto, é valorizado. Assim, cabe evidenciar que, neste momento, a primazia do falo torna-se o instrumento regulador da pulsão.

Para o menino, essa terceira figura grandiosa escancara sua posição não mais fálica, isto é, deixa de ser aquele capaz de satisfazer e preencher o desejo e a falta da mãe (castrada). Ademais, para além da identificação do outro paterno como aquele quem a mãe valoriza e deseja – cenário que faz incidir o dilema edípico de rivalidade entre o menino e a figura paterna – a criança também atribui a este terceiro a função e o poder de castrá-la. Tal momento é nomeado por Freud (1924) como ameaça (ou medo) de castração, caracterizada pelo temor narcísico de perder o que se tem de mais precioso.

A observação que finalmente desfaz a incredulidade do garoto é a do genital feminino. Em algum momento, o menino orgulhoso de possuir um pênis vê a região genital de uma menina e tem de se convencer da falta do pênis, num ser tão semelhante a ele. Com isso também a perda do próprio pênis se torna concebível, a ameaça de castração tem efeito a posteriori (FREUD, 1924, p. 185).

Este medo da castração é o que evidencia o complexo de Édipo em curso nos meninos e é por meio desta ameaça que se dá a renúncia ao tempo edípico. Tal renúncia é marcada pela contenção dos impulsos incestuosos (em relação à mãe), rivalitários e parricidas (em relação ao pai). Portanto, a função paterna passa a adquirir significado de autoridade, responsável por ditar leis e regras culturais e civilizatórias a serem incorporadas e seguidas.

O afeto em torno do qual o Édipo masculino se organiza, culmina e chega ao desenlace é a angústia; a chamada angústia de castração, isto é, o medo de ser privado daquela parte do corpo que, nessa idade, o menino tem por objeto mais estimável: seu pênis/falo". (NASIO, 1999, p. 64)

A atitude edipiana nos meninos pertence à fase fálica e sua destruição é ocasionada pelo temor da castração – isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais (FREUD, 1925, p. 297).

Assim, pode-se afirmar que a intrusão paterna configura um momento traumático para o menino a partir do temor da castração. No entanto, marca um importante ganho para a constituição subjetiva na medida em que é instaurado o entendimento da falta, da impossibilidade, da autoridade e, conseqüentemente, da submissão à transmissão deste terceiro, sem descredibilizá-lo ou invalidá-lo.

Cabe mencionar que a rivalidade evidencia o parricídio (por isso, deve ser interdita), leva a uma forte experimentação da culpa, além de representar um assassinato simbólico, isto é, esvazia as possibilidades da criança se servir com o que o pai tem para transmitir. Portanto, o outro paterno até então rival, que encarna aquele quem irá punir e proibir, com o tempo (e a partir do complexo de castração), deve se transformar em alguém capaz de doar algo que o menino precisa para alcançar outra coisa que não a mãe, mas que também deseja.

Logo, posteriormente, o pai passa a ocupar o lugar daquele que tem a chave para o desejo, se tornando alguém que transmite. Concomitantemente, a criança adquire um valor de “não todo”, ou seja, de alguém não mais no trono. Aqui se inicia a possibilidade do reconhecimento de alguma imperfeição existente e o registro da impossibilidade e da falta – marcas essenciais para a constituição psíquica.

Já com as meninas, o tempo edípico se configura de maneira diferente. Este é secundário, isto é, derivado, consequência, do complexo de castração. A menina percebe a falta naturalmente concebida, portanto, não existe o medo de se perder o que não se tem. Freud (1908) nomeia o afeto predominante do complexo de castração feminino como “inveja do pênis”. Frente a esta realidade, presenciavam-se impulsos hostis ligados ao ressentimento pela não-posse do falo (imaginário, o pênis), ilustrados, por exemplo, na relação com a mãe – com quem se identifica como castrada anatomicamente. Em contrapartida, percebe-se um apelo da menina à figura paterna como um ato de reivindicação fálica, isto é, na esperança de que lhe possa prover o que não acessou.

A menina não sai ileso dessa diferença constatada (Freud, 1925/2011, p. 212). Ela quer ter um falo, porém não pode devido às imposições biológicas,

desenvolvendo o que chama de inveja do pênis (...) Além desse sentimento de inferioridade da inveja do pênis, também se instala um afrouxamento na relação com a mãe, porque a menina a culpa e a responsabiliza por não ter cuidado do seu pênis do qual, em sua fantasia, foi castrada, e a deixou em condições precárias em relação aos meninos (OLIVEIRA, 2019, p. 16).

Deste modo, os sentimentos de injustiça e privação marcam uma fratura na relação mãe e filha, enquanto evidenciam uma aproximação da menina com o pai. Nesta outra configuração, a interdição paterna também se mostra essencial. Torna-se necessário que o pai recuse este apelo (ao menos, parcialmente) a fim de que não venha satisfazer e completar a aspiração imaginária feminina, suas ambições e demandas de amor. Além disso, a entrada deste terceiro adquire importância a fim de reduzir a ferocidade da atitude reivindicatória, efeito do complexo de castração.

A criança do sexo masculino e feminino toma a mãe como objeto de amor, porém é um amor impossível e interdito socialmente. “Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado”. (Freud, 1923/2011, p. 40). Essa tríade da relação entre mãe – pai – criança forma a trama edípica (OLIVEIRA, 2019, p. 14).

Teresinha Costa (2010) ressalta que Freud deu abertura a questionamentos referentes ao complexo de Édipo feminino no que diz respeito à suposta necessidade da menina renunciar à sexualidade ativa, voltando-se ao pai. A autora evidencia a questão da feminilidade como algo em jogo na relação entre mãe e filha e o fato de direcionar-se ao pai não ter a ver somente com algo do desejo sexual feminino, mas também como uma tentativa de desligamento deste outro materno decepcionante.

É na ligação com o seu primeiro objeto de amor que estão as marcas fundamentais da sexualidade da mulher, sendo muitas vezes um caminho tortuoso conseguir realizar essa passagem da mãe para o pai, como objeto de amor. Nem sempre essa passagem se realiza, e, caso a menina continue endereçando os movimentos pulsionais ativos e passivos à mãe, isso poderá trazer dificuldades na assunção de sua feminilidade. (COSTA, 2010, p. 36)

Outro ponto relevante que Freud (1923) reformula, desta vez em *O Eu e o Isso*, é a dupla polaridade possível do complexo de Édipo. Pode-se dizer que o que foi descrito até então, neste tópico, configura a forma positiva do complexo de Édipo visto que há o amor ao genitor do sexo oposto e ódio ao do mesmo sexo. Em contrapartida, pode-se presenciar o amor ao genitor do mesmo sexo e ódio ao genitor do sexo oposto, o que caracterizaria a forma negativa. Segundo ele:

(...) em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edípica será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo

de Édipo. (...) É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente (...) (FREUD, 1923, p. 47-48).

Assim, torna-se relevante mencionar os ganhos advindos das operações do complexo de Édipo e de castração que, conseqüentemente, também possibilitam o tratamento da pulsão, isto é, a elaboração e a reorientação da libido (energia da pulsão) para outro objeto que não o materno (incesto), abrindo as portas para o desejo. Portanto, essas operações possibilitam:

1. A experiência da escolha do objeto (totalidade das correntes sexuais dirigidas a um outro);
2. Registro psíquico da impossibilidade de uma satisfação desejada (diferentemente do período narcísico e o seu registro de uma satisfação);
3. Afastamento do Eu de impulsos pulsionais primários através do recalque (que será abordado mais adiante), contribuindo para a divisão do sujeito na sua dimensão consciente e inconsciente;
4. Identificações secundárias e não mais narcísicas: posição sexuada que orienta os campos do amor e do desejo (dimensão do sujeito do desejo);
5. Dessexualização da libido e sublimação das pulsões: entrada no período de latência.

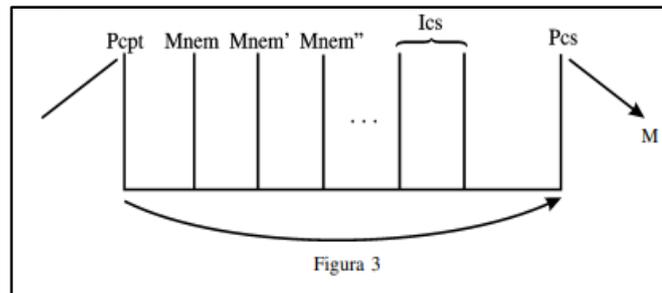
2.4 A primeira e a segunda tópicos freudianas

Visto que a passagem pelos complexos de Édipo e de castração possibilita a divisão do sujeito em suas instâncias consciente e inconsciente, cabe o aprofundamento no tema que foi intitulado como “A primeira tópica” por Freud (1900) em *A interpretação dos sonhos*. A primeira tópica corresponde à concepção do aparelho psíquico ser formado pelas instâncias (ou sistemas): Pré-Consciente (Pcs), Consciente (Cs) e Inconsciente (Ics). Trata-se de um marco na teoria freudiana, pois corresponde ao momento em que o inconsciente deixou de ser um adjetivo e se tornou substantivo, representando um lugar psíquico. Cabe mencionar que esse “aparelho” não surge pronto e acabado, mas depende de um longo período de desenvolvimento para atingir sua perfeita formação. Além disso, o aparelho psíquico é marcado por ser o polo de conflito entre os sistemas - o que será descrito a seguir.

No aparelho psíquico freudiano, o sistema perceptivo é o responsável apenas pela recepção de estímulos e não por armazená-los ou registrá-los (função

reservada aos vários sistemas mnêmicos). Já o Inconsciente, devido à posição que ocupa no aparelho psíquico, tem seu acesso à consciência submetido ao sistema Pcs/Cs e a passagem de seus conteúdos se torna refém das exigências do Pré-consciente e Consciente.

Figura 1. *Esquema final do aparelho psíquico*



Fonte: Freud e O Inconsciente. GARCIA-ROZA, 1999, p. 80.

Assim, o material inconsciente somente é transcrito através da sintaxe Pcs/Cs - e portanto, são modificados e distorcidos (GARCIA-ROZA, 1999, p. 81). Ainda sobre o Inconsciente, é importante enfatizar que é nele que se localiza o impulso à formação dos sonhos, visto que, com o enfraquecimento da censura durante o estado de sono, o desejo inconsciente busca se ligar à pensamentos oníricos pertencentes ao Pcs/Cs, procurando uma forma de acesso à consciência. Segundo Garcia-Roza (1999):

Enquanto na vigília o processo de excitação percorre normalmente o sentido progressivo, nos sonhos e nas alucinações a excitação percorre o caminho inverso, isto é, caminha no sentido da extremidade sensorial até atingir o sistema perceptivo produzindo um reinvestimento de imagens mnêmicas. É a esse caminho “para trás” da excitação que Freud dá o nome de “regressão” (p. 81)

Sobre a regressão, ela só ocorre quando uma ideia é novamente transformada na imagem perceptual de que originalmente se derivou, ou seja, quando reproduz alucinatoriamente a experiência original (GARCIA-ROZA, 1999, p. 81). Segundo Freud (1900/2006): “um sonho poderia ser descrito como um substituto de uma cena infantil, modificada por ter sido transferida para uma experiência recente” (p. 576).

Torna-se também relevante abordar a dimensão do desejo em relação à primeira tópica. O desejo deve ser entendido como um pensamento ou uma ideia, representado pela fantasia e, portanto, deve se colocar em oposição da necessidade e da exigência, isto é, trata-se de um conceito oposto ao de pulsão. Assim, enquanto a pulsão tem de ser satisfeita, o desejo tem de ser realizado.

Uma das características fundamentais do desejo inconsciente - e de qualquer conteúdo pertencente ao Inconsciente - é a sua indestrutibilidade. Visto isso, se a realização de um desejo inconsciente e recalado produz prazer, produz também ansiedade ao ego do sonhador. Isso porque o que é desejado a nível inconsciente não possui as mesmas exigências pelo sistema Pcs/Cs. Por isso, um mesmo acontecimento - ou sonho - pode provocar prazer a nível inconsciente e ansiedade a nível pré-consciente. Existem sempre duas tendências a serem satisfeitas e elas nunca estão de acordo (GARCIA-ROZA, 1999, p. 86).

Com essa discussão, Freud (1900) atualiza seu estudo ao dizer que seria mais correto e traria maior esclarecimento tratar o mecanismo da produção dos sonhos através da oposição entre Eu e o conteúdo recalado - e não mais pela oposição inconsciente e consciente no sentido meramente adjetivo. Essa distinção é aprofundada na 2ª tópica, quando Freud não iguala o sistema Inconsciente ao recalado. Segundo Garcia-Roza (1999) um sonho de punição, seria então, proveniente do desejo pertencente ao Eu - inconsciente mas não pertencente ao sistema Inconsciente - cujo objetivo seria punir o desejo inconsciente (recalado) (p. 86). “Vinte e três anos mais tarde, Freud chamaria a instância que exerce esse policiamento do desejo de “superego”” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 87).

Visto isso, cabe aprofundar-se na segunda tópica freudiana. Inicialmente, cabe pontuar que a nova tríade - Eu (Ego), Isso (Id) e Superego (Superego) - não vem substituir a antiga (Ics, Pcs e Cs). A questão da segunda tópica se difere da primeira, visto que não é mais sobre “lugares psíquicos” que Freud (1923) em o *Eu e o Isso* busca se referir. Além disso, Garcia-Roza (1999) diz também de um deslocamento temático entre a primeira e segunda tópica: “enquanto a primeira tópica voltava sua atenção para a economia libidinal, a segunda está voltada para o confronto da libido com algo que lhe é externo: a exigência de renúncia imposta pela cultura” (p. 206).

O Eu é caracterizado por possuir porções Pcs, Cs e Ics. Além disso, se origina no sistema perceptivo/Cs mas se estende ao Pcs e ao Ics, além de se configurar como um efeito das sensações corporais. Portanto, como dito por Freud “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal”.² Assim, para designar a parte

² Eu e ego são correspondentes; Trata-se apenas de uma diferença na tradução das obras de Freud de acordo com a edição em questão.

lcs do Eu, que não se confunde com ele, mas sim se opõe a ele, Freud (1923) se utiliza do termo *Isso* (ou *Id*), do qual o Eu retira a libido necessária à sua própria manutenção.

O *Isso* corresponde à parte inacessível do psiquismo. Trata-se da parte aberta às influências do corpo e em seu interior, possui os representantes pulsionais que buscam satisfação, isto é, regulados pelo princípio do prazer.³ Nele não há temporalidade, moralidade, obediência ou negação. Assim como o lcs da primeira tópica, o *Isso* não sabe dizer “não”.

Portanto, o Eu pode ser descrito como uma parte do *Isso* que, por proximidade e influência do mundo externo, isto é, constituído pelo sistema perceptivo/Cs, serve de mediador entre essa dimensão e o *Isso*. Assim, coloca em confronto dois princípios reguladores do aparelho psíquico: o do prazer e o princípio de realidade⁴, sendo o responsável pelo último.

No entanto, cabe ressaltar que o Eu também é confrontado com outra região do psiquismo: o *Supereu*. Se o Eu é tido como representante da realidade externa, o *Supereu* deve ser visto como o representante da realidade interna (GARCIA-ROZA, 1999, p. 207). Trata-se do herdeiro dos complexos de Édipo e de castração e sua formação possui influência do *Supereu* dos pais da criança, como será visto adiante. Assim, sua “tríplice função” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 207) se resume: na auto vigilância, na moralidade e no Ideal do Eu (FREUD, 1932/1936, p. 86 apud. GARCIA-ROZA, 1999, p. 207-208).

Por fim, a segunda tópica freudiana se configura a partir de um conflito do Eu que precisa se defender das pulsões advindas do *Isso* e do *Supereu*, lutando para não ser esmagado. Segundo Freud (1923) o Eu tenta conciliar as exigências de “três severos senhores” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 208) [*Isso*, *Supereu* e mundo externo], quase sempre divergentes e frequentemente incompatíveis. Portanto, o Eu está sempre inserido num conflito com a possibilidade de ser dominador ou dominado (GARCIA-ROZA, 1999, p. 208), é o responsável pelo teste de realidade (devido sua

³ Princípio do prazer: princípio que rege o funcionamento do aparelho psíquico. Trata-se do propósito dominante dos processos inconscientes, que visam o prazer e evitam, buscam se afastar, do desprazer.

⁴ Princípio de realidade: princípio que regula a busca pela satisfação levando em conta as condições impostas pelo mundo externo e, segundo Freud (1911), vem substituir o princípio de prazer como uma proteção e não como uma destituição deste último.

posição no sistema perceptivo) e funciona como mediador entre as exigências do Isso e da realidade e do Supereu.

2.5 Lacan e a releitura dos complexos de Édipo e de castração: Estádio do Espelho, Nome-do-Pai e Lei da Metáfora Paterna

Lacan retoma a teoria freudiana dos complexos de Édipo e de castração para articulá-la com a metáfora paterna, conceito que vinha elaborando em seus seminários, com o intuito de estabelecer a função do pai no processo de constituição e simbolização (JORGE, 2005, p. 51). Ademais, também propõe a releitura do complexo de Édipo freudiano tendo como eixo os registros fundamentais de real, simbólico e imaginário (R-S-I).

Torna-se relevante descrever resumidamente tais registros essenciais da realidade humana instituídos por Lacan (1953/2005) desde a sua conferência intitulada O simbólico, o imaginário, o real (antes de adentrar em sua releitura do complexo de Édipo e de castração). Segundo Coutinho Jorge (2008) o real está relacionado àquilo que é inacessível, inapreensível, ou seja, tudo aquilo que não é possível atribuir significado e ser colocado em palavras. Trata-se do que não se arranja com facilidade, do desamparo, do sem sentido (JORGE, 2008, p. 96-97). Já o simbólico faz referência ao plano dos discursos, do Outro, do saber, da fala, da linguagem, dos ditos e dizeres. Trata-se dos múltiplos sentidos e significados possíveis, portanto, sempre mediado pela palavra e pela metáfora. O simbólico é o registro que torna possível mediatizar o real e o simbólico, o falo e o furo, sendo este “lugar de intervalo”, isto é, a possibilidade de habitar entre os opostos, o que corresponde ao lugar do sujeito (JORGE, 2008, p. 99-100).

É de fato assim que devemos entender o simbólico de que se trata na troca analítica. Quer se trate de sintomas reais ou atos falhos, ou o que quer que seja que se inscreva no que encontramos e reencontramos incessantemente, e que Freud manifestou como sendo sua realidade essencial, trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto, funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da estrutura da linguagem (LACAN, 1953/2005, p.22).

Por fim, o imaginário corresponde, não redundantemente, às imagens, àquilo que se dá a ver. Trata-se do registro que busca totalidades, completudes, e por isso, é marcado pela produção de ideias ilusórias e equivocadas. O imaginário implica o “um sentido”, definido pelas crenças, defesas e resistências do Eu (LACAN, 1953,

p.46). O complexo de Édipo é o que amarra esses três registros (LIMA & SANTIAGO, 2009, p. 4).

Visto isso e retornando à releitura lacaniana do Édipo e da castração freudiana, é importante ressaltar que Lacan (1995) atribui ao complexo de Édipo um estatuto de mito, buscando não o reduzir apenas à sua dimensão imaginária que envolve as fantasias incestuosas, parricidas e de castração. Ao lidar a partir deste estatuto, atribui concomitantemente a atemporalidade, a ficcionalidade e a narrativa como suas características, enfatizando seu caráter estruturante que diz respeito à existência e à sexualidade.

A função do mito se inscreve aí. (...) um mito é sempre uma tentativa de articular a solução de um problema. Trata-se de passar de um certo modo de explicação da relação-com-o-mundo do sujeito ou da sociedade em questão para outro modo sendo esta transformação requerida pela aparição de elementos diferentes, novos, que vêm contradizer a primeira formulação. Eles exigem, de certo modo, uma passagem que é, como tal, impossível, que é um impasse. Isso é o que dá sua estrutura ao mito (LACAN, 1995, p. 300).

Lacan divide o complexo de Édipo, Nome-do-Pai⁵, como prefere chamar (JORGE, 2005, p. 51), em três tempos lógicos que têm seu início através de um “processo de maturação da criança” (COSTA, 2010, p. 58) o qual denominou de “Estádio do Espelho” (LACAN, 1949).

Portanto, a experiência do espelho diz respeito a uma fase anterior aos três tempos edípicos lacanianos e é responsável pela formação da representação de uma unidade corporal, a qual a criança até então não havia ainda acessado. Anteriormente, experimentava-se um corpo despedaçado, isto é, um corpo pulsional, sem imagem, *real* e sem sentido (COSTA, 2010, p. 59). Cabe ressaltar que essa unificação só é possível a partir da identificação com a imagem do outro, isto é, do seu semelhante, momento concretizado a partir da experiência da criança ao

⁵ “Nome-do-Pai”: conceito lacaniano que corresponde a um significante especial responsável por fundar a significação, é o “significante que funda o significante” (ALMEIDA & VIEIRA, 2010, p. 22 apud. LACAN, 1956/1957, p. 156). Corresponde ao conceito de “pai simbólico” (LACAN, 1956/1957, p. 152), ou seja, diferencia-se do pai da realidade e não se refere à presença ou ausência do pai na organização familiar. Essa operação diz respeito a algo da ordem de uma lei, de uma interdição que se coloque nessa relação entre mãe e criança. Essa lei de que trata a psicanálise é aquela introduzida pela linguagem e articulada na fala do sujeito, é uma lei simbólica (ALMEIDA & VIEIRA, 2010, p. 23). Trata-se de uma função que opera como metáfora, mas uma metáfora inconsciente. Para Lacan, a metáfora é definida a partir de um significante que surge no lugar de outro significante: neste caso, é justamente o que vem substituir o significante primordial materno que Lacan define como “[...] o primeiro significante introduzido na simbolização” (ALMEIDA & VIEIRA, 2010, p. 24 apud. LACAN, 1956/1957, p. 180).

perceber sua própria imagem no espelho. Esse momento é acompanhado de um sentimento de júbilo e engajamento diante a imagem do outro que o sujeito se identifica e se aliena (eu-ideal).

Ora, o reconhecimento pelo sujeito da sua imagem no espelho é um fenômeno que, para a análise desse estágio, é duplamente significativo: o fenômeno aparece depois de seis meses e o seu estudo, nesse momento, revela demonstrativamente as tendências que então constituem a realidade do sujeito; a imagem especular, justamente em razão destas afinidades, fornece um bom símbolo desta realidade: de seu valor afetivo, tão ilusório quanto a imagem, e de sua estrutura, que, como ela, é reflexo da forma humana. (LACAN, 1938/2003, p. 47).

Trata-se de uma percepção fundamental a partir da qual se formará um primeiro esboço do Eu (GARCIA-ROZA, 1999, p. 212). Segundo Costa (2010) o “estádio do espelho faz com que o bebê não se sinta mais aos pedaços, mas como Um” (p. 59) e, assim, o Eu se constitui como objeto. Tal momento é equivalente à passagem do autoerotismo ao narcisismo freudiano, em a libido ganha seu novo objeto de destino: o Eu. Segundo Costa (2010) a criança tem devolvido, pelo espelho (ou pela mãe ou pelo Outro), uma *Gestalt* (unificação de uma imagem), cuja função é ser estruturante do sujeito, mas ainda a nível imaginário.

Cabe ressaltar que a passagem do imaginário para o simbólico e a constituição do sujeito só ocorrem através da linguagem, portanto, após a passagem pelo complexo de Édipo. No entanto, como enfatizado por Garcia-Roza (1999) “O imaginário não é autônomo em relação ao simbólico, mas um momento subordinado à Ordem Simbólica” (p. 213). Com essa citação, o autor enfatiza que, mesmo o indivíduo, neste momento, não sendo capaz de acessar a fala e a linguagem, ou seja, o simbólico, não é certo afirmar que este registro esteja ausente. Antes mesmo de nascer, o bebê já é falado pelos outros, portanto, possui um lugar marcado simbolicamente. Inclusive, são as coordenadas, ditos e dizeres do Outro (da mãe) que lhe permite a identificação com a sua imagem.

Visto isso, torna-se agora importante o estudo dos três tempos lógicos do Édipo para Lacan: frustração, castração e privação. No primeiro tempo de frustração, referente às primeiras experiências do recém-nascido, Lacan (1957/1958, p. 190) inova ao introduzir o falo como um terceiro elemento presente na relação mãe-criança:

Ele é um ponto-referencial - talvez não haja palavra melhor - em torno do qual vocês poderão agrupar os elementos das observações, fazendo a si mesmos esta pergunta em cada caso particular: qual é a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo que faz com que a

criança não aceite que a mãe seja privada, pelo pai, do objeto de seu desejo? Em que medida, num dado caso, é preciso apontar que, em correlação com essa relação, a criança mantém sua identificação com o falo? (...) essa configuração, de qualquer modo, é nodal. Nesse nível, a questão que se coloca é ser ou não ser, to be or not to be o falo (LACAN, 1957/1958, p. 192).

A criança deve ocupar o lugar de falo da mãe (seu único objeto de desejo) e se identificar com ele, pois somente assim será “introduzida no universo simbólico (campo do Outro) da Lei (Nome-do-Pai)” (JORGE, 2005, p. 51). Trata-se do assujeitamento do desejo da criança ao desejo da mãe. Segundo Coutinho Jorge (2005) Lacan nomeia esse momento como humanização do ser falante, sendo a mãe a agente simbólica (*Nebenmensch* em Freud) responsável por isso. Em contrapartida, prover as necessidades do filho não é o único desejo da mãe: “de trás dela perfila toda ordem simbólica da qual ela depende. Esse objeto predominantemente da ordem simbólica é o falo” (ARAGÃO & RAMIREZ, 2004, p. 94 apud. LACAN, 1957/1958).

Assim, o que predomina neste tempo, a partir da fantasia de que se é o falo, é o imaginário e a alienação à referência materna, configurando uma dimensão de unidade e de completude entre eles. Trata-se do período em que presencia-se certa onipotência tanto na criança - por identificação fálica em se reconhecer como único objeto de desejo da mãe - mas também direcionada à mãe, período que se equipara ao narcisismo freudiano. Configura-se um tempo essencial que proporciona a inscrição da criança no simbólico através do Outro (mãe, agente simbólica) e do seu discurso, além de ser através dessa relação que a criança é erogenizada (investida de cuidado e afeto necessários à sua condição inicial de desamparo, de nada e de caos), o que proporciona a satisfação, o prazer.

No entanto, com o Desejo da Mãe que passa a apontar para outros objetos de satisfação, adquirindo sua função de transmissão do Nome-do-Pai - isto é, do Não e da frustração, a falta é introduzida e tal momento conseqüentemente inaugura a dimensão do amor e do desejo para a criança (JORGE, 2005, p. 52). Tal cenário a coloca numa “posição dialética em ser ou não ser o falo” (ARAGÃO & RAMIREZ, 2004, p. 94). Desse modo, o que antes era apenas uma demanda vital, advinda de uma necessidade, começa a se transformar em uma demanda de amor endereçada a este Outro materno. O que a criança deseja é o desejo da mãe, ou seja, possui “desejo do desejo da mãe” (LACAN, 1957/1958, p 188).

Lacan, em *O seminário 4: A relação de objeto*, descreve a frustração como sendo o momento em que o seio, como objeto da necessidade, se desloca do real para o simbólico, adquirindo dessa forma valor de dom. A partir daí, não só a oferta e a recusa do seio se tornam sinônimos de amor e de desamor, mas também as satisfações da fome implicam a frustração da satisfação da boca. A primeira experiência de amor, marcada pela fantasia de que se é o falo, estrutura, modela e organiza todos os conflitos a serem vividos nos próximos tempos. (JORGE, 2005, p. 52).

O segundo tempo, da castração, derivado da dialética da criança em ser ou não ser o falo, propicia a acentuação da inscrição simbólica a partir da intrusão paterna na tríade mãe-criança-falo. A figura paterna representa a ordem, a Lei e uma dupla interdição: à criança, ao objeto do seu desejo e à mãe, ao seu objeto fálico (LACAN, 1957/1958, p. 178). Segundo Coutinho Jorge (2005) “essa função de proibição situa o pai no registro real, o que faz com que ele seja apreendido pela criança, ao nível imaginário, como uma figura terrível e tirânica”. Neste contexto, a rivalidade e o parricídio se colocam em evidência.

(...) o que o pai proíbe? Esse foi o ponto de que partimos - ele proíbe a mãe. Como objeto, ela é dele, não é do filho. É nesse plano que se estabelece, pelo menos numa certa etapa, tanto no menino quanto na menina, aquela rivalidade com o pai que, por si mesma, gera uma agressão (LACAN, 1957/1958, p. 178).

Trata-se do momento em que a criança percebe que não pode ser o objeto de desejo da mãe, percebendo que é ao pai quem a mãe se dirige (ARAGÃO & RAMIREZ, 2004, p. 94). Desse modo, neste segundo tempo, a figura paterna é apreendida imaginariamente como um objeto rival, ou seja, como objeto do desejo da mãe, o falo. Portanto, para Lacan (1957/1958, p. 178), a castração é definida como o efeito do momento de separação entre a criança e a mãe a partir da introdução do impossível através da proibição do pai real (agente da castração, Nome-do-Pai).

A introdução do Nome-do-Pai no lugar do Outro barra o acesso do sujeito ao gozo e ele não mais poderá ocupar o lugar de objeto do gozo do Outro, a não ser na fantasia. Assim, o Outro, como lugar dos significantes, se torna o Outro como lugar da Lei. Essa operação tem como resultado a instauração de uma falta, que Freud chamou de castração, que terá como consequência tornar o Outro inconsciente. (QUINET, 2012, p. 29).

Quando essa intrusão significativa colocar em dúvida seu desejo, a criança vai poder re-questionar sua identificação imaginária de objeto fálico da mãe. A incerteza psíquica, forçada pela função paterna, coloca em questão seu desejo e a permite confrontar-se com o registro da castração pela instância paterna. A criança se dá conta de que não é o falo e de que também não o possui, assim como sua mãe (ARAGÃO & RAMIREZ, 2004, p. 96).

Neste contexto, outra inovação da teoria lacaniana sobre o complexo de Édipo e de castração é a ênfase na mediação da palavra da mãe como condição para a funcionalidade do pai real, isto é, para a eficiência e credibilidade da sua proibição. Pois segundo Garcia-Roza (1999) esse pai não é ainda revelado e seu aparecimento se dá justamente pelo discurso materno. Segundo Coutinho Jorge (2005) “é fundamental que a mãe reconheça que está submetida à Lei do pai”. Assim que se torna possível a figura paterna exercer a dupla proibição (simbólica): “1) ao filho: “Não dormirás com tua mãe”; 2) à mãe: “Não reintegrarás o teu produto”. É a essa função paterna que Lacan denomina “Nome-do-Pai” ou “metáfora paterna” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 222 apud LACAN, 1957/1958, p. 210).

(...) tem-se aí a chave da relação do Édipo e de seu caráter essencial: a relação da mãe com a palavra do pai e com aquilo que ele é suposto possuir, que a satisfaz e regula o desejo que ela tem de um objeto que não é mais a criança. Ela se remete ao desejo de um outro, reconhecendo a lei do pai como aquela que mediatiza seu próprio desejo. O pai que priva é o que apresenta a lei (ARAGÃO & RAMIREZ, 2004, p. 96).

É preciso não esquecer que a paternidade para a psicanálise é uma função simbólica e não real. Nesse sentido, o pai real como agente da castração não tem nenhuma relação com o pai biológico. O pai real é um operador estrutural com a função de colocar em cena o impossível sob a forma de proibição (JORGE, 2005, p. 53).

Não é preciso a presença do pai como personagem. Uma mãe viúva, por exemplo, pode perfeitamente exercer a função do pai real. Basta que ela diga e dê provas de que o objeto do seu desejo não é o filho, pois, por detrás dela existe uma mulher que não tem o falo e, justamente por isto, vai buscar em um homem, e não no filho, o que ela não tem (JORGE, 2005, p. 54).

Assim, com o reconhecimento da instância paterna como aquele quem dita a lei, a qual a figura materna se submete, o pai é colocado, pela criança, no lugar de depositário do falo. Portanto, cabe ressaltar que a interdição paterna direcionada à permanência do gozo⁶ com a posição de objeto de desejo da mãe (Outro), não faz com que tal desejo desapareça, contudo, corresponde ao alvo da ação do processo do recalque (no caso da neurose - e que será comentado mais adiante) culminando na separação e na clivagem dos sistemas consciente e inconsciente. Trata-se de uma forma de “mascarar o impossível” (JORGE, 2005, p. 53).

⁶ “Gozo”: conceito lacaniano que, neste contexto, corresponde a uma forma de satisfação referida à posição de submissão da criança a esse capricho que é representado pelo Desejo da Mãe. É esse encontro de um lugar que a criança vive junto à mãe e que a mãe vive junto à criança, que envolve uma forma de gozo que o Nome-do-Pai vem interditar (ALMEIDA & VIEIRA, 2010, p. 25). Trata-se de uma forma de satisfação que não é pautada pelo princípio do prazer, tal como apresentado por Freud.

A onipotência, que a mãe tinha na frustração, se desloca para o pai na castração, fazendo com que ele seja apreendido no nível imaginário como uma figura ameaçadora. A função precisa do pai real como operador estrutural é confirmar, ratificar e reforçar a função simbólica do pai — Nome-do-Pai — inscrita na frustração (JORGE, 2005, p. 53-54).

O terceiro tempo, caracterizado pela privação, se configura a partir da dialetização dos outros dois tempos anteriores, isto é, da “articulação do complexo de Édipo” (LACAN, 1957/1958, p. 178). Isso porque neste momento, há a conversão do falo imaginário para o falo simbólico, que implica a “transformação do pai onipotente para o pai potente” (JORGE, 2005, p. 54). Se anteriormente o pai foi confundido como o objeto de desejo da mãe, o falo, a Lei, com a privação entende-se que ele não o(a) é, mas que o(a) possui, o(a) representa. “A castração não é portanto apenas dupla (da criança e da mãe) mas também do pai. Ninguém é mais o falo, assim como também ninguém é mais a Lei” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 223). Dessa forma, a instância paterna ganha o estatuto de pai simbólico, pelo qual passa a ser investido como aquele detentor, representante do falo.

É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo com o objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar. (...) O terceiro tempo é esse: o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra - digamos que o pai é um pai potente. Por causa disso, a relação da mãe com o pai torna a passar para o plano real (LACAN, 1957/1958, p. 200).

Lacan (1957/1958, p. 210) define esta “dádiva paterna” (JORGE, 2005, p. 55) como “título de propriedade virtual” com o qual o menino se identifica. Assim, a figura do pai rival, privador e ameaçador se transforma na figura de alguém que possui alguma coisa de valor a ser transmitida. Trata-se do momento em que ocorre a substituição da identificação da criança com o seu eu ideal narcísico - imagem perfeita, em que se reconhecia como falo - para uma identificação com o Ideal do Eu, “ponto de onde” (LACADEÉ, 2022, p.4) a criança se veria amável e digna de ser amada para se sustentar na existência de outra maneira (será aprofundado no próximo tópico).

A privação se equipara ao que Freud (1924/2011) nomeia de “dissolução do complexo de Édipo”, ou seja, representa a saída do complexo de Édipo, sendo a identificação do filho com o pai a solução da trama edípica. Além disso, corresponde ao momento que proporciona a passagem da problemática em torno do ser (ou não, o falo) para a problemática do ter (ou não, o falo). Em relação às mulheres,

especificamente, segundo Coutinho Jorge (LACAN, 1957/1958, p. 202 apud. 2005, p. 55) essas “sabem exatamente onde devem procurar as insígnias que dão direito ao título de virilidade”.

Toda privação real exige uma simbolização. Na castração, é preciso que a criança aceite a privação materna do falo. Se a mãe não tem o falo, logo quem tem o falo é o pai. Já na privação, trata-se do reconhecimento da castração do pai. Ou seja: o pai também não tem o falo. É preciso então a simbolização da castração paterna: o pai não tem o falo, mas tem alguma coisa com valor de dom (JORGE, 2005, p. 54-55).

2.6 O Supereu: A herança do Complexo de Édipo

(...) o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do eu*. (...) é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu (LACAN, 1957/1958, p. 200-201).

O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa (...) Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós (FREUD, 1923, p. 31-32-33).

O Supereu é instituído no momento em que a criança abandona os pais como objetos sexuais e os torna objetos de identificação. Em outras palavras, na impossibilidade de tê-los como parceiros amorosos ou sexuais, “promete inconscientemente ser como eles – em suas ambições, fraquezas e ideais” (NASIO, 2007, p. 40-41). Assim, é em função desse mecanismo psíquico de identificação e incorporação que a criança integra e internaliza os interditos e as proibições parentais que doravante imporá a si mesma.

A identificação da criança não é, pois, uma identificação com o pai, mas com o que o pai representa, com o pai enquanto uma “constelação de insígnias”, como diz Lacan (*ibid.*). Usando a terminologia da segunda tópica freudiana, podemos dizer que a criança se identifica com o superego do pai, sendo o superego da criança o efeito dessa identificação com o ideal do eu (GARCIA-ROZA, 1999, p. 223).

Como ressaltado na citação acima, este processo de identificação é essencial para a constituição e transformação do sujeito, e como consequência, corrobora a produção do Supereu. Essa interiorização da Lei paterna possibilita que a criança se constitua como sujeito, isto é, que ocorra a *separação* através da interdição paterna, introduzindo-a na ordem da cultura e da civilização.

Segundo Moreira (2004), é importante diferenciar os conceitos de Supereu e Ideal do Eu, os quais por um período, como pode-se ver em *O eu e o Isso* (1923), foram utilizados como sinônimos por Freud:

O mecanismo psicológico da identificação introjetiva possibilita a produção do superego como resultado de um processo sublimatório, enquanto o ideal do ego aparece a partir da angústia de castração que incide sobre o ego ideal e representa, por isso, uma tentativa de busca do outro-narcísico, que possibilita ao eu a vivência partilhada de um imaginária completude. O superego surge do confronto entre o eu e o outro, enquanto que o ideal do ego exige a relação eu e outro para sua sobrevivência (MOREIRA, 2004, p. 223).

Visto isso, o Ideal do Eu, diferentemente do eu ideal narcísico, se configura a partir de identificações secundárias em que o sujeito irá sustentar uma forma de satisfação apoiada na figura do pai, ou seja, nos traços introjetados da dinâmica edipiana. Nesses termos, o pai - como figura para quem a mãe dirige seu desejo - será tomado pelo filho como ideal e âncora de sua identificação. Já o Supereu, se constitui em função do Ideal do Eu.

Sua relação [do supereu] com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (FREUD, 1923, p. 31).

No entanto, segundo Quintella (2014) “a culpa que sobrevém desta condição paradoxal e insolúvel reconduz o superego a seu massacre sobre o eu, imperando aí o masoquismo moral e a “necessidade de punição” (p. 288). Visto isso, Coutinho Jorge (2005) resume tal diferenciação quando pontua que o Ideal do Eu se configura como uma instância que glorifica e exalta, enquanto o Supereu representa a lei e a destruição. Freud (1924) também enfatiza essa dimensão punitiva do Supereu ao afirmar que tal instância “conservou características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir” (p. 175).

O ideal do eu é exaltante e glorificante. O supereu é coercitivo, imperativo e tirânico. O seu caráter sempre cego e insensato faz com que ele seja ao mesmo tempo a lei e sua destruição. Trata-se, portanto, de uma lei sem sentido que só se sustenta na linguagem. O modo pelo qual o supereu se relaciona com o Outro, coloca em cena o que Lacan chama de *Tu fundamental*: aquele que censura e que vigia o tempo todo. Enfim, estamos diante de um Tu que se apresenta tanto na ordem do imperativo quanto na do amor (JORGE, 2005, p. 43).

Freud (1925) busca diferenciar a saída do Édipo para o menino e para a menina em relação à instituição do Ideal do Eu e do Supereu. Assim, afirma que no menino o complexo de Édipo se “despedaça” (p. 266) com o choque da ameaça de castração. Desse modo, seus investimentos libidinais são abandonados,

dessexualizados e parcialmente sublimados e seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Supereu e emprestam a essa nova formação traços característicos. Portanto, no inconsciente não subsistiria mais um complexo de Édipo, apenas o Supereu que é o seu herdeiro. O abandono do incesto, a instauração de consciência e moralidade. Já no caso da menina, conforme já comentado, falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo, pois a castração já produziu antes o seu efeito: “impelir a criança para a situação do complexo de Édipo” (p. 267). Dessa forma, o complexo “pode ser lentamente abandonado, liquidado mediante repressão ou seus efeitos podem prosseguir até bem longe na vida psíquica normal da mulher” (p. 267).

Diante da fantasia de castração, o menino se submete à autoridade do pai, buscando ali uma identificação, uma “forma de ser” definida na relação ao pai, pautando-se nos valores que engendram o circuito cultural. No caso da menina, que se depara com a falta na relação ao órgão masculino, esta última submete-se ao amor do pai, abrindo-se ao complexo de Édipo e engendrando o ideal como ponto de ancoragem daquilo que ela busca na relação amorosa: o falo que ela não tem, e que o pai supostamente detém (QUINTELLA, 2014, p. 288 apud. FREUD, 1924).

Assim, o Supereu do homem adquire características diferentes do da mulher, possuindo características mais inexoráveis, impessoais e independentes das suas origens afetivas (FREUD, 1925, p. 267):

Traços de caráter que sempre foram criticados na mulher — que ela mostra menos senso de justiça que o homem, menor inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida, que é mais frequentemente guiada por sentimentos afetuosos e hostis ao tomar decisões — encontrariam fundamento suficiente na distinta formação do Super-eu que acabamos de inferir (FREUD, 1925, p. 267).

CAPÍTULO 3- O RECALCAMENTO, AS DEMAIS FASES DA SEXUALIDADE E AS TRÊS DEFESAS ESTRUTURAIS POSSÍVEIS

3.1 O Recalcamento

Em *A história do movimento psicanalítico* Freud (1914) define a teoria do recalçamento como “a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (p.26). Garcia-Roza (1999) recupera Johann Friedrich Herbart como quem primeiro empregou o termo *Verdrangung* (recalçamento) próximo à ideia de Freud (p.151). Além de Herbart afirmar a existência de representações conscientes e inconscientes, o mesmo ainda enfatizava que as representações tornadas

inconscientes não haviam sido eliminadas ou destruídas, mas sim permaneciam lutando - inconscientemente - para se tornarem conscientes (p. 152).

Visto esta introdução, cabe diferenciar o conceito de recalçamento do de defesa, visto que os mesmos foram utilizados como sinônimos durante um tempo. Enquanto a defesa faz relação a um processo mais genérico de evitamento da dor, o recalçamento designa uma operação mais específica que consiste em manter afastado, no inconsciente, representações ligadas a uma pulsão (GARCIA-ROZA, 1999, p.90).

Além disso, é importante enfatizar que o “recalque” mencionado neste trabalho até então, consequência do declínio do complexo de Édipo e da entrada do sujeito no campo simbólico, corresponde ao recalçamento propriamente dito ou secundário. Além disso, a passagem pelo complexo edipiano também proporciona a divisão do psiquismo em instâncias distintas: Pré-consciente, Consciente e Inconsciente - a primeira tópica freudiana, sendo o sistema Pré-Consciente/Consciente aquele que pertence a função inibidora, ou seja, responsável pelo recalçamento. Em contrapartida, segundo Freud (1900), o Inconsciente não diz “não” e “não pode fazer nada senão desejar” (p. 639). No entanto, é importante ressaltar a existência de três fases do processo de recalçamento: a *Fixação* ou *Inscrição* (recalque originário), o *recalçamento propriamente dito* (recalque secundário) e o *retorno do recalçado*.

Em relação ao recalque originário, a *fixação* (ou *inscrição*) segundo Freud (1911) é “a precursora e condição necessária de todo recalçamento [propriamente dito]” (p. 26). Corresponde ao mecanismo pelo qual a pulsão é inibida e permanece fixada num estágio infantil, deixando de acompanhar as demais fases do desenvolvimento, ou seja, se comporta como se pertencesse ao sistema inconsciente. No entanto, o que soa paradoxal e contraditório é que neste período inicial da vida, as instâncias Pré-consciente, Consciente e Inconsciente ainda não foram constituídas. Portanto, que inconsciente seria esse?

Freud (1915) explica que, antes dessa configuração, experiências cuja elaboração não foi possível - visto à não divisão do sujeito e ao seu não pertencimento ao campo simbólico - são inscritas num “inconsciente não-recalçado” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 155) e têm seu acesso à consciência vedado/negado a partir de então. Assim, seu mecanismo não se passa pelo investimento por parte

dessas instâncias ainda não constituídas, mas sim através de uma “anticatexia” (FREUD, 1915, p. 208), ou seja, um contrainvestimento como defesa de um excesso de excitação proveniente do exterior (GARCIA-ROZA, 1999, p. 161). Dessa forma, o material inscrito, *só-depois* (*Nachtraglich*) e a partir da aquisição da significação simbólica e da verbalização, será reintegrado e poderá adquirir um caráter traumático a ser experienciado pelo sujeito - aí sim, podendo se tornar conteúdo alvo para o *recalcamento secundário* (GARCIA-ROZA, 1999, p. 159).

Dito isto, cabe agora o aprofundamento no *recalcamento secundário*, o qual nos interessa especificamente para o tema que vem sendo trabalhado. Freud (1915) define o recalcamento através da sua essência, que consiste no afastamento de determinada representação do sistema consciente. Em relação ao seu objeto alvo, Freud (1915) enfatiza não ser a pulsão em si, mas sim seus representantes ideativos (tema abordado no item 1.2 do presente trabalho). Isso porque a pulsão está aquém dos sistemas consciente e inconsciente.

A satisfação de uma pulsão é sempre prazerosa, sendo seus representantes ideativos os únicos possíveis de promover o desprazer e portanto, serem alvos do recalcamento. Assim, a pulsão jamais ocupa a posição de ser objeto da consciência, e mesmo no inconsciente, é representada por uma ideia (GARCIA-ROZA, 1999, p. 154 apud. FREUD, 1915, p. 203). Em contrapartida, o afeto - outro representante pulsional - não pode existir no inconsciente e por isso, nunca sofre o recalque. Segundo Garcia-Roza (1999, apud. FREUD, 1915) o afeto é sempre consciente, sentido, e está ligado a uma ideia (esta sim, inconsciente, e passível da ação do recalque).

O que o recalcamento produz é uma ruptura entre o afeto e a ideia à qual ele pertence mas não uma transformação do afeto em afeto inconsciente. “A rigor”, afirma Freud, “não existem afetos inconscientes” (*op. cit.*, p. 204), posto que um afeto inconsciente seria como que um sentimento que não fosse sentido como tal. Um afeto pode ser suprimido, isto é, inibido ou eliminado, mas não pode ser recalcado (GARCIA-ROZA, 1999, p. 154 apud. FREUD, 1915, p. 203).

No entanto, não é por isso que não devemos considerar o afeto neste capítulo sobre o recalcamento. A parte quantitativa da pulsão só se exprime em afetos, e portanto, mesmo que o representante ideativo da pulsão seja mantido no inconsciente, é impossível impedir o desprazer resultante da descarga de afeto que estava ligado a ele. Desse modo, o afeto corresponde a um importante elemento do ponto de vista econômico, sendo seu destino (ligado a um representante) de mais

importância e peso do que o destino do representante em si (GARCIA-ROZA, 1999, p. 165).

Além disso, Freud (1915) marca um caráter dinâmico do recalque, o qual não consiste em apenas afastar uma ideia do sistema consciente, mas também de mantê-la - a todo momento - à distância. Trata-se da exigência de um “dispêndio permanente de força” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 164), de forma que qualquer relaxamento possa ter como consequência o acesso, por parte do conteúdo recalcado, ao consciente. O êxito do recalque seria o equilíbrio entre a força inconsciente que visa acessar o consciente e a força consciente que visa manter tal representante inconsciente.

A imagem que poderíamos usar é a de uma pessoa preocupada em esconder um objeto de cortiça no fundo de um poço cheio d'água. Se ela não persistir segurando o objeto sob a água ou se não encontrar algo que o mantenha preso ao fundo, ele virá à tona (GARCIA-ROZA, 1999, p. 164).

Ademais, conforme já abordado, é importante mencionar que o *recalcamento secundário* não está presente desde o início, sendo consequência da cisão entre a atividade mental consciente e inconsciente, ou seja, da divisão do sujeito - resultado da dissolução do complexo de Édipo. Nesse momento, a criança precisa abandonar seus impulsos incestuosos e parricidas, visto a angústia de castração - no menino por exemplo -, mas estes impulsos são constitutivos e, portanto, não são eliminados, mas sim recalcados. Assim, a partir do recalque dos desejos edipianos, o sujeito sai provido de um Ideal do Eu (conforme pontuado no tópico 2.5). Segundo Garcia-Roza (1999, p. 163) o representante ideativo, uma vez recalcado, continua a ter existência independente, produzindo derivados e estabelecendo novas conexões. Como ressaltou Freud (1915) “ele prolifera no escuro” (p. 172), ou seja, longe do campo de ação consciente - devido ao recalque, a ideia fica “livre” no inconsciente para assumir diferentes expressões, estabelecer diferentes articulações e desenvolver-se profundamente (GARCIA-ROZA, 1999, p. 163).

Os derivados das representações pulsionais recalçadas são tão atingidos pelo recalque quanto sua representação. No entanto, na medida em que tais derivados se distanciam, se diferenciam, isto é, se distorcem do representante original, mais fácil torna-se escapar da censura do recalque e alcançar à consciência. Para a psicanálise, esses derivados possuem importância fundamental, pois correspondem à forma de acesso ao conteúdo recalcado, ou seja, ao material

inconsciente pelos psicanalistas (GARCIA-ROZA, 1999, p. 162). Esse escape dos derivados, ou melhor nomeando, esse *retorno do recalçado*, pode emergir de diversas formas: através dos sonhos, dos atos-falhos, dos sintomas, chistes, entre outros. Segundo Freud (1915):

Ao executarmos a técnica da psicanálise, continuamos exigindo que o paciente produza, de tal forma, derivados do reprimido, que, em consequência de sua distância no tempo, ou de sua distorção, eles possam passar pela censura do consciente (p. 173).

A chamada “regra fundamental”, sobre a qual se institui a situação analítica, nada mais é do que um convite a que o analisando produza derivados do recalçado que (...) possam servir de acesso ao material inconsciente. Fazer associação livre é, dentro do possível, afrouxar a censura consciente e permitir que derivados, ainda que remotos, possam aflorar à consciência e serem comunicados ao analista (GARCIA-ROZA, 1999, p. 164)

O terceiro tempo, isto é, o *retorno do recalçado* faz referência àquilo que escapa pelo fracasso do recalçamento, ressurgindo ao consciente, e portanto, exigindo mecanismos de defesa suplementares (GARCIA-ROZA, 1999, p. 166). Cabe ressaltar que o *retorno do recalçado* não é simplesmente o *recalçamento* (secundário) simetricamente ao avesso, isto é, ele não ressurgir vestido do mesmo modo de quando resultou no recalçamento. Trata-se de um mecanismo específico e independente (GARCIA-ROZA, 1999, p. 166) que sofre deformações pela censura do pré-consciente. Assim, o deslocamento e a condensação são meios frequentemente utilizados para que o acesso ao consciente seja possível.

Freud (1938) em *Moisés e o Monoteísmo Três Ensaios*, uma das suas últimas obras, cita as condições possíveis para que o recalçado consiga atingir à consciência. Primeiramente, pontua a possibilidade da anticatexia ser diminuída ou por processos patológicos que tomam conta do Eu ou por uma distribuição não equilibrada das energias catexiais no Eu, como por exemplo ocorre no estado de sono. Em segundo lugar, menciona o fato de poder haver um reforço da pressão/impulso pulsional, como ocorre na puberdade. E por fim, caso algum acontecimento recente apresente semelhanças ao que foi recalçado, sendo capaz de despertá-lo - sendo o acontecimento atual reforçado pela pressão pulsional do recalçamento.

3.2 O Período de Latência

Freud descreve o destino da vida sexual infantil, do autoerotismo à primazia dos órgãos genitais, isto é, a subordinação das pulsões parciais à finalidade da reprodução, ou a passagem do autoerotismo ao aloerotismo. Esse

desenvolvimento é marcado por dois tempos: no primeiro, há o predomínio das pulsões parciais e o pluralismo das correntes pulsionais, cada uma tendendo isoladamente à satisfação que lhe é própria; no segundo, ocorre uma interrupção brusca da vida sexual e a partir dos cinco ou seis anos tem início o período de latência (COSTA, 2010, p. 7).

O termo latência corresponde a algo que existe e está presente, no entanto, que não está manifestado claramente, ou seja, está oculto e suprimido. Portanto, o período de latência é o tempo do desenvolvimento do sujeito em que se encontram ocultos os impulsos sexuais. Freud (1924), em *A dissolução do Complexo de Édipo*, enfatiza que a fase fálica não continua a se desenvolver até a organização genital definitiva, pois é substituída pelo período de latência (p. 184). Como visto até aqui, um dos ganhos edípicos e da castração foi definido por Freud (1924) como dessexualização da libido. Trata-se de um período posterior às operações constitutivas do sujeito e ao recalque, em que o sujeito passa a investir seu desejo e a se ligar a finalidades não mais sexuais, envolvendo a busca por novas metas - que não a descarga pulsional aos impulsos parricidas e incestuosos. Segundo Freud (1924):

As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos. Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança (p. 186-187).

Desse modo, o sujeito inclui novas formas de obtenção do prazer a partir da socialização, das aquisições culturais, da escolarização, entre outras práticas. Segundo Freud (1924), em *O problema econômico do masoquismo* “a consciência e moralidade surgiram com a superação, a dessexualização do complexo de Édipo” (p. 177).

Essas defesas contra a livre descarga das pulsões operam a expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo, embora não seja interrompido nem no período de latência, tem sua energia, integralmente ou em sua maior parte, desviada do uso sexual e dirigida para outros fins, num processo que recebe o nome de sublimação. Por meio desse desvio das forças pulsionais para longe dos objetivos sexuais, poderosos componentes são adquiridos, intervindo em todas as produções culturais. Com isso, Freud “deixa claro que o limite do mecanismo da sublimação, responsável pelo desvio da pulsão sexual de seu objetivo, favorece o surgimento das forças inibitórias” (CORRÊA & PINHEIRO, 2013, p. 63 apud. SANTIAGO, 2005, p. 123).

Além disso, nesta fase a posição infantil permanece, mesmo que em parte, sendo este fator o que configura uma eficácia reguladora. Por fim, cabe ressaltar

que é no período de latência que se instauram as formações reativas e repressoras da sexualidade: a moral, a vergonha, o nojo (FREUD, 1925, p. 98). Em uma nota de rodapé adicionada em 1915 em os *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1915) comenta que essas “forças que represam o desenvolvimento sexual” (p. 58), devem ser vistas como resultado das inibições sofridas pela pulsão sexual na humanidade, visto que aparecem de forma espontânea como um sinal de educação e de outras influências. Além disso, na mesma obra ao tratar das inibições sexuais, Freud (1905) ressalta que tais poderes psíquicos funcionam como “entraves no caminho do instinto [pulsão] sexual” (p. 80). Portanto, essa pausa entre os dois tempos da sexualidade humana dura até o advento da puberdade.

3.3 A Metamorfose da Puberdade

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto [pulsão] sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos [pulsões] e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos [pulsões] parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 1905, p. 121).

Para Freud (1905), a adolescência aponta para o trabalho psíquico da puberdade, tida como última fase da organização sexual. Tal período corresponde a uma transição dolorosa da infância à fase adulta, que corrobora consequências psíquicas. O mais evidente processo escolhido como essencial e característico da puberdade (FREUD, 1905, p. 122) se configura pela extinção do corpo infantil através das modificações corporais (na voz, no manifesto aumento dos genitais externos, na produção de novos hormônios...) - o que no período de latência encontrava-se inibido.

Cabe ressaltar que tais mudanças corporais dizem respeito a uma preparação e aptidão do corpo para uma satisfação de uma sexualidade também não mais infantil, agora genital. Assim, o laço com o outro corpo se torna mais complexo do que o que fora antes experimentado. Além disso, novas demandas e escolhas sociais também começam a ser impostas a este sujeito não mais criança e ainda não adulto. Portanto, a puberdade representa um processo de aproximação do sujeito com sua versão adulta e principalmente, corresponde a um período de descontinuidade e de perda da realidade. Assim, trata-se de um novo momento em

que ocorre o aumento da tensão pulsional, decorrente deste cenário, o qual reatualiza a situação do desamparo, de um desbussolamento.

Dessa forma, pode-se dizer que essa segunda onda da sexualidade [genital] (FREUD, 1905) tem seu caráter doloroso relacionado ao abandono e à perda de algumas condições, além de escancarar: a posição “*His majesty the baby*” (FREUD, 1914, p. 37) cada vez mais ferida; as perdas identificatórias; a percepção de não ser mais tão falado pelo Outro; a concentração de uma maior quantidade de tomada de decisões voltada à si; uma estabilização parental não mais suficiente; e o luto da posição infantil. Resumindo, trata-se de um período traumático que provoca intenso sofrimento pela exigência do sujeito ter de se separar da autoridade parental (FREUD, 1905. p. 149).

Mesmo quem conseguiu evitar a fixação incestuosa da libido não escapa inteiramente à sua influência. Uma nítida ressonância dessa fase de desenvolvimento ocorre quando a primeira paixão séria de um homem jovem - algo frequente - é uma mulher madura, e a de uma garota é um homem mais velho e possuidor de autoridade, que são capazes de reavivar neles a imagem da mãe e do pai, respectivamente. Em geral, a escolha do objeto se faz apoiando-se mais livremente nesses modelos. (FREUD, 1905, p. 151).

No entanto, é importante pontuar que o sujeito não passa por esse período totalmente sem coordenadas. Isso porque as heranças edípicas (a interdição, o recalque, o *Supereu*) configuram um subsídio para o sujeito enfrentar tais imposições e perdas que, segundo Freud (1905), redespertam os conflitos edipianos e as fantasias incestuosas e parricidas. Segundo Lima e Santiago (2009), as perguntas surgidas durante a infância e silenciadas no período de latência (sobre o ser, sobre o sexo, sobre o próprio desejo e o desejo do Outro) são redespertadas na adolescência.

O desejo sexual reativa uma interdição pondo em questão a impossibilidade de uma harmonia entre a pulsão sexual e a corrente terna sobre o mesmo objeto. Os pais, enquanto modelos de identificação, devem ser substituídos por outras pessoas. (...) Freud faz algumas considerações sobre a adolescência, marcando em especial o desligamento que o jovem faz do pai e sua substituição pela figura do mestre. (...) Ele acrescenta que tudo o que distingue a nova geração, tanto o que é portador de esperança quanto o que choca, tem como condição esse desligamento do pai. Ou seja, a crise do pai faz nascer a nova geração. Nesse movimento, a função de interdição edípica, bem como a abertura à possibilidade do exercício do desejo, ampliam-se para sua concretização no pacto social (LIMA & SANTIAGO, 2009, p. 3).

Assim, torna-se interessante mencionar algumas expressões mais frequentes que aparecem na clínica com adolescentes, efeito da dificuldade do desligamento da

autoridade parental e das outras renúncias e novas aquisições características da puberdade. Podem ser sinais deste conflito: a agitação, a presença de grande angústia, uma postura desafiadora (apelo ao Outro) e a agressividade (atualização do impulso parricida).

Além disso, existem casos que desembocam em quadros psicopatológicos, como por exemplo a anorexia, que neste contexto pode ser caracterizada como um recuo profundo em ocupar este novo lugar, tendo como consequência o retorno ao corpo e à posição infantil e tutelada. Segundo Lacadeé (2022), uma explicação cabível a esta resposta, e à outras (como o alcoolismo, a toxicomania e as tentativas de suicídio) também frequentes nessa clínica, relaciona-se à tensão que surge nesta delicada fase de transição, proveniente da escassez de palavras capazes de traduzir o que lhes acontece no corpo ou em seus pensamentos. Portanto, o excedente de excitação impede a tradução e tal tensão acaba por se traduzir em ato (LACADEÉ, 2022, p. 2).

Visto isso, é relevante diferenciar os conceitos de *acting out* e de *passagem ao ato*, como proposto por Lacan (1962/1963) em seu seminário *A Angústia*. Enquanto a *passagem ao ato* é uma retirada da cena do mundo, como por exemplo o suicídio, o *acting out* é algo que se organiza que “se mostra na conduta do sujeito” (LACAN, 1962/1963, p. 137) - pelo qual demanda através dela (trata-se de um sintoma, de uma atuação por uma não capacidade de elaboração, isto é, de colocar em palavras o seu sofrimento).

Se a bofetada de Dora é uma passagem ao ato, todo o seu comportamento paradoxal na casa dos K., que Freud prontamente descobre com tanta perspicácia, é um acting out. O acting out é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo acting out, sua orientação para o Outro, deve ser destacada (LACAN, 1962/1963, p. 137).

Algumas estratégias clínicas efetivas apontadas por psicanalistas, frente a estes quadros, correspondem à busca de sentido através de projeções futuras (que reforçam o Ideal do Eu) e através de construções de laços fortalecedores no presente que contribuam para evocar a dimensão desejante do sujeito.

3.4 As saídas para as três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão

De imediato, preferiria antes acentuar certos momentos particulares dessa dinâmica edipiana, a saber, esses momentos determinantes para o sujeito, em que as apostas do desejo mobilizadas pela relação com o falo mostram-

se particularmente favoráveis à cristalização de organizações estruturais. Outra forma de se dizer que essas diversas estruturas são determinadas por um ou outro desses diferentes momentos cruciais. Assim acontece para com a organização das estruturas perversas, obsessivas, histéricas e psicóticas, das quais se pode referenciar a posição, a partir de fatores favoráveis que intervêm nas interferências dos desejos recíprocos da mãe, do pai e da criança, em relação ao objeto fálico (DOR, 1991, p. 25).

Segundo Garcia-Roza (1999) pensar a subjetividade no campo psicanalítico implica o esclarecimento de alguns limites teóricos específicos determinados pelo Édipo “de tal modo que podemos dizer que os domínios da psicanálise se estendem até os limites de validade do Édipo. (...) a questão da subjetividade ganha sentido apenas quando referenciada ao Édipo, ou, se quisermos, ao inconsciente” (p. 225). Trata-se do caso das estruturas clínicas psicanalíticas, que se configuram a partir do posicionamento do sujeito em relação ao Édipo. Visto isso, cabe ressaltar que existem três modalidades de defesa possíveis após a dissolução do complexo de Édipo: o recalque, a forclusão e o desmentido – que implicam, respectivamente, nas chamadas estruturas clínicas: *neurose*, *psicose* e *perversão*. Estas três estruturas correspondem a um modo singular de funcionamento do sujeito.

Assim, ao adotar uma perspectiva lacaniana, pode-se afirmar que cada uma representa uma estrutura de linguagem e um modo de relação do sujeito com o Outro, proveniente do modo como o sujeito se posiciona frente à castração e, conseqüentemente, em relação ao seu próprio desejo. Cabe recapitular que a castração é um confrontar-se com a realidade de que a completude e plenitude é algo da ordem do impossível, que a satisfação é sempre parcial, que se é um ser faltante e que é necessário renunciar a posição de objeto de desejo do Outro para tornar-se um sujeito desejante. Portanto, o diagnóstico estrutural em psicanálise além de ser uma ferramenta clínica essencial que serve de bússola para a escuta e a direção do tratamento, em sua dimensão teórica busca compreender como se dá a economia do desejo do sujeito, isto é, a relação que o sujeito mantém com a lógica fálica e de castração.

Visto isso, a *neurose* se configura a partir da passagem pelos três tempos edípicos, sendo a castração bem-sucedida e seu mecanismo psíquico, o recalque, processos que instauram a dimensão desejante do sujeito e permitem seu acesso à cultura, segundo Freud, e à linguagem, ou seja, ao campo simbólico, do Outro, segundo Lacan. Isso ocorre pois a realidade da castração é recalçada, conservada no sistema Inconsciente do sujeito. Assim, como mencionado no capítulo 3.1 O

Recalcamento, o conteúdo recalçado (vivências e impulsos sexuais infantis constitutivos do sujeito) luta para retornar ao sistema Consciente através dos sintomas - derivados substitutos das representações inconscientes que buscam vencer a censura do sistema Pré-Consciente/Consciente. Freud (1917) em *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* caracteriza os sintomas como solução de compromisso ou “satisfação substitutiva” (p. 530), enquanto Lacan (1966) em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* os conceitua como uma metáfora.

De todo modo, a *neurose* possibilita o tratamento do real de Lacan ou do desamparo freudiano através do simbólico e das aquisições culturais, respectivamente. Freud (1924), utilizando-se da segunda tópica, resume: “A serviço do Super-eu e da realidade, o Eu entrou em conflito com o Id, e assim ocorre em todas as neuroses (...)” (p.160). Esse conflito entre essas instâncias psíquicas é o responsável pelos sentimentos neuróticos de angústia, de culpa e de insatisfação.

Em contrapartida, a *psicose*, segundo Freud (1894) em *As neuropsicoses de defesa*, corresponde a um processo defensivo mais poderoso e bem sucedido, em que o “eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (p. 64). Portanto, segundo o autor pode-se dizer que “o Eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose” (FREUD,1894, p. 64). Assim, a partir de um desligamento brutal das funções edípicas constitutivas, observa-se um retorno maciço da libido para o Eu - o que é desorganizador para o sujeito psicótico que tem seu Eu configurado inteiramente pelos impulsos, sem marcas de uma frustração-castração infantil que é organizadora. As consequências desse cenário aparecem sob a forma de distorções da realidade, fenômenos perturbadores no âmbito do corpo (como algo intrusivo e que vem de fora), além de ser notória a incapacidade de um discurso articulado com o uso de símbolos, códigos e recursos linguísticos. Desse modo, na tentativa de conter todo esse mal-estar e perturbações, de remendar-se com a realidade e de recolocar-se, este sujeito se refugia a partir de produções delirantes. Estas não estão salvas das distorções dessa configuração estrutural devido ao desligamento radical inicial, contudo, operam na construção de realidades que funcionam como uma prótese – mesmo que, dificilmente, essas construções possam abarcar um coletivo maior. Quinet (2006) ressalta que, para

Freud, o delírio é como uma peça que se cola aí onde houve uma falha na relação do sujeito com a o mundo da realidade, mundo que é para o homem estruturado pelo simbólico (p. 24). A partir de uma abordagem lacaniana, pode-se afirmar que nos sujeitos psicóticos prevalece um excesso de *imaginário*, sem interferências do *simbólico*, devido ao mecanismo psíquico da forclusão do Nome-do-Pai (representante da Lei e por promover a inserção da criança na linguagem) – assim, inviabilizando que estes sujeitos se apoiem num operador psíquico que os permitiria habitar o simbólico e utilizá-lo para sustentação.

Por fim, a *perversão* possui como mecanismo psíquico de defesa o desmentido, caracterizado pela aceitação e não aceitação da Lei (do Nome-do-Pai) ao mesmo tempo, isto é, pelo sim e pelo não simultâneos que culminam na cisão sobre o próprio Eu (JORGE, 2005, p. 34). Em oposição à *psicose* em que o Eu rompe com a realidade, na *perversão* o rompimento se dá no próprio Eu, dividindo-o em duas partes contraditórias entre si, mas que não se anulam. Desse modo, a parte que nega a castração corresponde à negação da Lei e à realização do seu desejo (seja ele qual for) enquanto a parte que aceita a castração e a Lei, se liga ao princípio de realidade. A resposta perversa se dá a partir da recusa da castração da mãe, como uma forma de neutralizar a angústia de castração.

(...) a mãe do perverso não é uma mãe "fora da Lei": é uma mãe fálica. Com efeito, a criança permanece certamente confrontada com uma significação do desejo que é referendada em Nome-do-Pai. Isso não quer dizer que esta significação do desejo submetido à lei do desejo do outro não seja essencialmente significada do lado paterno. A complacência paterna mantém o equívoco na simples medida em que permite ao discurso materno fazer-se "embaixador" da interdição. Daí a ambigüidade investida psiquicamente pela criança entre uma mãe sedutora que encoraja a criança a fazê-la gozar, e uma mãe ameaçadora e proibidora que se faz "cafetina" da palavra simbólica do pai. Este entre-dois em que a criança se vê presa tem como consequência nela alimentar o fantasma da mãe todo-pode-rosa, ou seja, da mãe fálica (DOR, 1991, p. 53).

No entanto, como a castração é percebida, porém rejeitada, o perverso vai “encarnar o objeto suposto faltar em outro objeto da realidade: o objeto fetiche” (DOR, 1991). Assim, o fetiche corresponde a uma das características da perversão e caracteriza-se pela negação da castração do Outro (da mãe). Trata-se da eleição de um substituto para a falta do pênis na mulher e tem como característica ser uma presença que substitui uma ausência, significando, portanto, a realização de um desejo. Portanto, cabe enfatizar que o perverso não desconhece a castração do Outro, ao contrário, conhece bem a Lei, mas a ignora. É aquele que goza justamente

na transgressão da Lei e não se insatisfaz, não se inibe, não se culpa, não duvida, nem possui medo ou qualquer forma de tormento psíquico que, normalmente, assolam os neuróticos (FERRAZ, 2010, p.123). Assim, o perverso vive em uma base narcísica de gozo excessivo, o que faz com que dificilmente venha a sofrer dores psíquicas que o levariam a procurar ajuda.

Para finalizar, torna-se relevante comentar acerca da importância do diagnóstico diferencial para o exercer da psicanálise clínica. Freud (1913), em suas obras sobre a técnica psicanalítica, ressaltou a importância do que nomeou de *tratamento de ensaio*, para o início (ou não) do tratamento analítico. Tal momento inicial consiste na sondagem do caso antes de resolver tornar alguém analisando. Em *Sobre o início do tratamento* Freud (1913) aponta duas razões significativas para isso: 1) permitir ao analista conhecer o caso e avaliar se seria apropriado ou não tomá-lo em análise; 2) possibilitar o estabelecimento do diagnóstico diferencial, sobretudo entre neurose e psicose, algo nem sempre fácil ou rápido de ser feito, no entanto, essencial para a direção do tratamento (p. 122-123). Lacan (1957/1958) não permitiu que essa recomendação freudiana perdesse seu vigor, enfatizando o valor desse momento inicial da análise e nomeando-o como *entrevistas preliminares*. A função diagnóstica, neste período, deve evitar que o analista conduza a análise de um psicótico do mesmo modo como conduziria com um neurótico – evitando desencadeamentos e/ou desestabilizações.

Mas acrescento aqui que desde então me acostumei a aceitar, de início apenas provisoriamente, (...), pacientes dos quais pouco sei. Se durante esse período ocorrer uma interrupção, poupamos ao doente a impressão desagradável de uma tentativa fracassada de cura. O que se fez foi apenas uma sondagem para conhecer o caso e para decidir se é adequado à Psicanálise. Mas esse ensaio prévio já é o início da Psicanálise e deverá seguir as suas regras. (...) O início do tratamento com esse período probatório (...) tem uma motivação diagnóstica. Muitas vezes, quando estamos diante de uma neurose com sintomas histéricos ou obsessivos sem manifestação excessiva e de curta duração, ou seja, justamente aquelas formas que seriam vistas como adequadas ao tratamento, precisamos dar espaço para nos questionarmos se o caso não corresponde a um estágio prévio de uma chamada *dementia praecox* (esquizofrenia segundo Bleuler, parafrenia segundo a minha proposta) e que depois de um período breve ou mais longo evidenciará um quadro mais claro dessa afecção. Eu contesto quando dizem que é sempre fácil estabelecer a diferença (FREUD, 1913, p. 122-123).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi desenvolvido ao longo deste trabalho, compreende-se como se constitui a dimensão do sujeito desejante para a Psicanálise, tanto pela teoria freudiana, assim como pela releitura lacaniana.

Assim, conclui-se que o início da vida de um indivíduo é marcado pelo desamparo e pela necessidade de um outro próximo, da figura materna, para que seja possível sobreviver. Isso porque o ser humano é marcado pela prematuridade da espécie, em que a dimensão instintual não é capaz de dar autonomia de vida ao indivíduo, sendo também necessária uma dimensão pulsional. Além disso, cada fase pré-genital evidencia um modo de relação com a mãe importante para a aquisição de satisfações, novas percepções e ganhos constitutivos. Segundo Garcia-Roza (1999), a fase oral e a fase anal, respectivamente:

Utilizando a distinção feita por Freud entre fonte, objetivo e objeto da pulsão, podemos dizer que, no caso da organização oral, a fonte é a zona oral, o objeto é o seio e o objetivo é a incorporação do objeto. O importante a assinalar aqui é o fato de que a fase oral [...] não se caracteriza apenas pelo predomínio de uma zona de corpo, mas também por um modo de relação de objeto: a incorporação (GARCIA-ROZA, 1999, p. 104).

Essa fase está impregnada de valor simbólico, sobretudo ligado às fezes. Tal é o caso da significação de que se reveste a atividade de dar e receber ligada à expulsão e retenção das fezes. (...) É na fase anal que se constitui a polaridade atividade-passividade que Freud faz corresponder à polaridade sadismo-masochismo (GARCIA-ROZA, 1999, p. 105).

Além disso, outro ponto ressaltado neste estudo foi a relevância das figuras parentais na constituição psíquica e a ênfase dessas funções estarem desacopladas de figuras reais, ou seja, dos pais biológicos.

Assim, a mãe ou a figura materna corresponde ao *Nebenmensch* de Freud, ou seja, o outro próximo (não qualquer um, mas alguém também afetado pela criança) que irá transferir desejo de vida e amparar o recém-nascido, ao mesmo tempo que irá lhe proporcionar a primeira experiência de satisfação (para além das necessidades vitais). Na releitura lacaniana, trata-se da mãe agente simbólica, responsável por encarnar o Outro e proporcionar a inscrição da criança no simbólico

desde o início da vida através do seu discurso e da erogenização. Corresponde a um momento essencial de alienação da criança aos significantes do Outro materno e da sua crença de ser seu objeto de desejo (o falo). Além disso, foi visto com Lacan a importância da sua mediação (através do reconhecimento da autoridade do pai) como condição para a efetiva interdição paterna.

Em relação ao pai e à sua função de Lei, de Nome-do-Pai, este se mostrou essencial e ponto referência para as três respostas estruturais posteriores. O pai, responsável por interditar impulsos incestuosos na relação mãe-filho e incentivar a separação, também funciona como agente da castração e viabilizador do acesso à cultura e à linguagem. Trata-se de uma entidade simbólica que ordena uma função, possibilitando ao sujeito assumir sua posição sexual (COSTA, 2010, p. 53).

Assim, reconhecendo tais figuras fundamentais e aprofundando-se nas demais fases do desenvolvimento do sujeito, assim como em vários conceitos psicanalíticos importantes para esta discussão, conclui-se que o presente trabalho se torna uma importante ferramenta de estudo, assim como abre caminhos para futuros desdobramentos.

Em relação a se tornar uma ferramenta de estudo, posso testemunhar que o aprofundamento nesta temática fez com que minha prática clínica fosse aprimorada, a nível de escuta e de construção da lógica dos casos (que pude atender como estagiária tanto pelo Serviço de Psicologia Aplicada da UFF, quanto pela AFR - Associação Fluminense de Reabilitação). Assim como ressaltado neste trabalho, a constituição psíquica e, mais especificamente, o complexo de Édipo são referenciais da teoria psicanalítica. Portanto, tornam possível a identificação de outros conceitos, das estruturas clínicas, são responsáveis por conceber coordenadas importantes sobre o sujeito e seu modo de relação com o Outro através do seu discurso (que conseqüentemente reproduz marcas e aponta para fixações pré-edípicas ou edípicas), o que contribuiu para que minha escuta se tornasse mais referenciada teoricamente e, portanto, mais afinada.

Por fim, reconheço alguns desdobramentos possíveis a partir deste trabalho inicial – decorrentes de interesses pessoais -, que demandariam mais tempo de dedicação e um nível de conhecimento superior ao de graduação, como: o aprofundamento nas questões da puberdade, passagens ao ato e *acting outs*, e mais especificamente as questões que envolvem a anorexia neste período; a

dedicação à temática da histeria e do feminino em Lacan; e as mudanças no cenário contemporâneo que resultam, conseqüentemente, em alterações no modo de constituição do sujeito e na sua relação com o Outro – o que reverbera na clínica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. G. M. & VIEIRA, M. A. (2010). **Falo, objeto a e fantasia: contribuições de Jacques Lacan na clínica com crianças.** Dissertação (mestrado) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- ARAGÃO, H. H. & RAMIREZ (2004). **Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução.** Mental. Barbacena, ano II, nº 3.
- ARAUJO, F. (2016). **O tempo em Lacan.** Ágora. Rio de Janeiro, v. XIX
- BARROS, M. (2004). **“O espelho”: entre si mesmo e um outro.** Psychê. São Paulo, vol. VIII, nº 13.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund. (1985). Estudos sobre a histeria. **Estudos sobre a Histeria (1893-1895).** São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. II.
- CAMPOS, E. B. V & SILVA, A. N. (2020). **O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico.** Revista de psicologia da UNESP, São Paulo, vol. XIX, nº1.
- CELES, L. (1999). **Temporalidade do trauma: gênese mais estrutura no pensamento freudiano.** Psicologia: Reflexão E Crítica, vol XII, nº 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300007>
- CONTI, C. (2010). **O papel do outro na constituição do psiquismo: um tema e duas abordagens em dialogia.** Tese Programa de Pós Graduação em Educação da UNIMEP, Piracicaba, SP.
- CORRÊA, C. R. G. L. & PINEIRO, G. S. (2013). **Período de Latência e Tempo para compreender nas aprendizagens.** Psicologia em Estudo. Maringá, vol. XVIII, nº 1.
- COSTA, T. (2010). **Édipo.** Col. Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FAISSOL, K. & KLAUTAU, P. (2016). **Do Nebenmensch ao Unheimlich: a presença da alteridade no processo de constituição da subjetividade.** Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro: ISEPOL, vol. XI, nº 21.

FERRAZ, F. C. (2010). **Perversão**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FORTES, I. & SANTOS, N. (2011). **Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro**. PSICOLOGIA USP. São Paulo, 2011, vol. XXII, nº 4.

FREUD, S. (1893/1895). Estudos sobre a histeria. (1893-1895). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. II.

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. **Edição standard brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1895) Projeto para uma Psicologia Científica. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. V.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria [“O Caso Dora”] e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. VI.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. **Edição Standard Brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, vol. IX.

FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. **Edição standard brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. **Edição standard brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII.

FREUD, S. (1913). Sobre o início do tratamento. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.

FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. **Edição Standard Brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1914) Introdução ao Narcisismo. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. XII.

FREUD, S. (1915) As pulsões e seus destinos. **As pulsões e seus destinos**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1915). O Recalque. **Edição Standard Brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente. **Edição Standard Brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1917). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). Edição Standard Brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XVI.

FREUD, S. (1923). A Organização Genital Infantil. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1923) O Eu e o Id. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1925). “Autobiografia”. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. XVI.

FREUD, S. (1926/1925). Inibição, Sintoma e Angústia. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. XVII.

FREUD, S. (1932/1936). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXII.

FREUD, S. (1950). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Tradução J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. III.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. (2005). **Lacan, o grande freudiano**. Col. Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

JORGE, M. A. C. (2008). **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan. As bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACADEÉ, P. (2022). **A passagem ao ato nos adolescentes**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro: ISEPOL, nº 4.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1953). **O simbólico, o imaginário e o real. Nomes-do-Pai**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1953/1954). O seminário, livro 1. **Os escritos técnicos de Freud**. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LACAN, J. (1957/1958). O seminário, livro 5: **As formações do inconsciente**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. (1962/1963). O seminário, livro 10. **A angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1966). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIMA, N. L. & SANTIAGO, A. L. B. (2009). **A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro: ISEPOL, artigo 5, nº 8.

MAIA, L. & ANDRADE, F. (2010). **Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica**. Estud. psicanal. Belo Horizonte, nº 33. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 03 out. 2023.

MENDES, L. (2012). **Por uma metapsicologia do tempo**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro.

MOREIRA, J. O. (2004). **ÉDIPO EM FREUD: O MOVIMENTO DE UMA TEORIA**. Psicologia em Estudo. Maringá, vol IX, nº 2

NASIO, J. D. (1999). **O prazer de ler Freud**. Zahar. Rio de Janeiro.

NASIO, J. D. (2007). **Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Zahar. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, C. (2019). **Complexo de Édipo: a feminilidade e seus destinos**. Monografia COGEAE PUC/SP. São Paulo.

PENA, B. F.; SILVA, R. D. C. (2018). **O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações**. Estud. psicanal. Belo Horizonte, nº 49. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100007&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 21 nov. 2023.

PORTO, M. (2009). **O desejo de saber: gênese e trajetória**. Artigos Tribuna do Norte. Rio Grande do Norte: UFRN. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-desejo-de-saber-genese-e-trajetoria-1/133157>>.

QUINET, A. (2006). **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª edição.

QUINTELLA, R. (2014). **As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu**. Rev. Subj. Fortaleza: vol. XIV, nº 2. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 nov. 2023.

ROCHA, Z. (1999). **Desamparo e Metapsicologia: Para situar o conceito de Desamparo no contexto da Metapsicologia Freudiana**. Síntese - Rev. de Filosofia. Belo Horizonte, vol. XXVI, nº 86.

GARCIA-ROZA, L. A. (1999). **Freud e o inconsciente**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro.

SILVA, D. & FOLBERG, M. (2008). **De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina**. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte, nº 31. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&nrm=iso.

SIQUIER, M. L. (1999). **O desejo de saber: sobre as vicissitudes da pulsão epistemofílica na infância**. A criança e o saber, Ano XVI nº 23. Rio de Janeiro: Letra Freudiana.

SOUZA, K. (2017). **Das Ding e o infantil em Freud**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro: ISEPOL, vol. XII, nº 23.

VIVIANI, A. (2014). **Considerações sobre o dinheiro na psicanálise**. Ide (São Paulo). São Paulo, vol. XXXVII, nº 58. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200006&lng=pt&nrm=iso.

WINNICOTT, D. (1948/1978b). Introdução primária à realidade externa: os estágios iniciais. **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

WINNICOTT, D. (1971). O Brincar e a Realidade. **Coleção Psicologia Psicanalítica**. Tradução: Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Imago, 1975.

WINNICOTT, D. (1968). O Aprendizado Infantil. **Tudo começa em casa**. Tradução Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2005.